



# ATOS DO CONSELHO SUPERIOR DA SOCIEDADE SALESIANA

## SUMÁRIO

### I. Carta do Ritor-Mor

P. Rua: Foi o servo fiel — Acreditou na santidade de Dom Bosco — Se ele tivesse o lema hoje — A fidelidade é atual — Foi o salesiano inteiramente de Dom Bosco — Caridade de pastor — Trabalho e temperança — A mansidão — O carinho — Duas predileções: os jovens e o oratório — Quis a Congregação "missionária" — Solicitude pelos Cooperadores — Amor aos ex-alunos — A mensagem do Padre Rua para a década de 70 — Se tivesse dez como o Padre Rua — Com os trabalhadores — Um convite em nome do Padre Rua — Fidelidade hoje.

### II. Disposições e normas

1. Normas para as celebrações em honra do Bem-Aventurado Padre Rua — 2. Deliberações dos Capítulos Inspetoriais — 3. Aplicação dos artigos 196 e 197 das Constituições.

### III. Comunicações

1. A beatificação do Padre Rua — 2. Modificações na Inspetoria do PAS — 3. Nomeações — 4. A 102.ª Expedição Missionária Salesiana — 5. O Secretariado de Imprensa Salesiano — 6. O Conselho Superior e a Casa Geral.

### IV. Atividades do Conselho Superior e iniciativas de interesse geral

### V. Documentos

1. A nova disciplina referente às Ordens Menores e do Diaconado — 2. Missa em honra do Bem-Aventurado Padre Miguel Rua.

### VI. Magistério Pontifício

1. "Com anos: quantos bons exemplos e quanto trabalho!" — 2. A tradição é força inspiradora do progresso — 3. Para revigorar a vida normal.

### VII. Necrológio (3.º elenco de 1972).



# I. CARTA DO REITOR-MOR

---

*Roma, outubro de 1972.*

*Irmãos e filhos caríssimos,*

Já tendes conhecimento da notícia jubilosa: no último domingo deste mês, exatamente no dia 29, o primeiro sucessor do nosso pai, o Padre Miguel Rua, na basílica de São Pedro, em Roma, receberá do Sumo Pontífice a auréola dos Bem-aventurados.

O acontecimento é por certo motivo de grande alegria em nossa família por tudo o que ele representa para nós. Mas precisamente devido a isso não podemos fazer dele ocasião de um triunfalismo superficial.

A Beatificação do Padre Rua com celebrações que em toda a parte se irão fazendo nos próximos meses não se devem esgotar e desfazer como fogos-fátuos de satisfação passageira. Além do mais, a mesma figura de santidade do novel Bem-aventurado nos convida e impele a que nos empenhemos a fim de que a beatificação de quem teve a sorte e o mandato de partilhar “pela metade” com o nosso Pai, seja para nós portadora de frutos. Esses frutos devem tornar concretamente fecunda a renovação corajosa com que solenemente nos comprometeu o Capítulo Geral Especial.

É claro que o modo mais garantido e eficaz para atingir essa meta é parar e olhar para Ele, Padre Rua, para a sua personalidade de salesiano santo, de sucessor e continuador da missão de Dom Bosco no mundo. Coloca-o a Igreja no candelabro e propõe-no aos fiéis, primeiramente a nós, como imagem concreta de santidade.

As nossas Constituições renovadas afirmam que a Igreja se preocupou com “garantir a autenticidade da vida evangélica que escolhermos (art. 200)”. A Beatificação do Padre Rua é uma prova nova da vontade da Igreja: reconhecer a face evangélica da nossa vocação salesiana e manifestar a força santificadora do dom que o Espírito Santo deu a Dom

Bosco para que a seu derredor crescesse uma família espiritual.

Olhar para o Padre Rua quer dizer adquirir o conhecimento pessoal dele e fazer nossas sua mensagem de atualidade, mensagem que brotou de uma vida toda inteira de verdadeiro “Salesiano de Dom Bosco”.

## **FOI O SERVO FIEL**

Infelizmente a figura do Padre Rua em muitos pontos nos chegou alterada de maneira estranha, fruto mais de impressões pessoais do que de documentos e estudos objetivos.

Todo membro da nossa família deve por isso sentir o dever de pesquisar nas fontes genuínas que lhe dêem um conhecimento autêntico deste grande salesiano que em certo sentido foi o segundo Pai da Congregação.

É verdade que a bibliografia do Padre Rua não é muito rica e quase toda em língua Italiana. Faço votos que, fora da Itália, se traduzam, como já se fez em algumas nações, ao menos as publicações mais expressivas e, se possível, publiquem-se obras novas, explorando também os quatro volumes infólios dos processos Canônicos.

Do conhecimento direto e completo do Padre Rua verificaremos o caráter excepcional e a grandeza de quem fora destinado pela Providência a receber e entesourar a herança, preciosa mas difícil que Dom Bosco lhe deixou. Compreendemos que o Padre Rua é o homem da fidelidade até ao heroísmo. Preocupou-se sempre em transmitir inteira a mensagem de Dom Bosco e soube empenhar a sua forte personalidade no ideal do salesiano, tal como foi ideado e encarnado pelo santo Fundador.

Depois da morte de Dom Bosco, com a ascendência que todos lhe reconheciam, foi o continuador convicto do estilo do Pai e principalmente do seu espírito. Não foi por nada que, ajoelhado diante dos despojos de Dom Bosco, sentiu o impulso para se empenhar — com todo o seu ser — na fidelidade mais absoluta.

Assim é que faz aos salesianos esta confidência: “Prostrado ante os frios despojos, chorei, rezei, por muito tempo... Para falar a verdade devo acrescentar que fiz ao nosso bom

Pai uma promessa solene. Já que me via obrigado a recolher a herança que deixou e pôr-me à frente da Congregação que é a maior das suas obras e que lhe custou tamanhas canseiras e sacrifícios, prometi-lhe que a nada me pouparia para conservar intacto, por quanto de mim dependesse, o seu espírito, ensinamentos e até as mais pequeninas tradições da sua família. Passaram-se já 19 anos (escrevia em 1907) desde aquele dia inesquecível e em os indo lembrando (...) experimento um conforto grande ao ver que, graças a Deus, parece-me nunca ter faltado às promessas que fiz. E se tivesse corrido perigo de me esquecer, bem mo teria recordado o sapientíssimo Papa Leão XIII, que várias vezes e com energia fora do comum inculcou deversem os salesianos conservar ciosamente o espírito do Fundador.

Nem de outro modo falou Pio X. . .” (*Dom Rua, lettere circolari*, ed. 1965, p. 431).

### **Acreditou na santidade de Dom Bosco**

A fidelidade, como a coragem, não se pode impor: deriva de circunstâncias particulares de natureza ou de ambiente. A fidelidade do Padre Rua nasce da estima e da natural confiança sem limites para com Dom Bosco, pois sabia que era dotado de carismas extraordinários, sabia que era homem de Deus.

Meros dotes naturais, mesmo se eminentes, podem agrupar em torno de um chefe uma companhia heróica de soldados ou poderosa equipe de técnicos, nunca, porém, uma família religiosa que aos séculos desafie.

Dom Bosco, soube ser homem soberanamente dotado, tinha todos os predicados do “mensageiro de Deus” — *legatus Dei* — com as patentes relativas de autenticidade. Para compreender a magia que despertava nos jovens e no povo, mas de modo particular nos primeiros salesianos, que se devotavam para “ficar com ele” por toda a vida, é preciso que meçamos a sua personalidade à luz do sobrenatural. Ao lado de seguidores por demais jovens como Cagliero, Fagnano, Lasagna, Costamagna, que poderiam passar por “garibaldinos” entusiasmados com um cabeça audaz e brilhante, encontramos de fato homens maduros igualmente prontos às suas ordens, como o Conde Cays, o Pe. Alasonatti, o Pe.

Lemoyné, também eles entusiasmados e prontos como os mais jovens. A explicação profunda de semelhante afeição que toca as raízes do culto, encontramos-la exatamente na santidade do chefe. E é por isso que nunca se poderá visissecionar um Fundador com meros critérios científicos.

O Padre Rua, de modo particular estava tão persuadido da santidade de Dom Bosco e da sua missão de educador, enviado e guiado por Deus, que, desde 1860, quis organizar uma comissão de irmãos os quais, chefiados por João Bonetti, recolhessem palavras e fatos do Pai e Fundador. Será ainda o Padre Rua que em 1874 estabelecerá uma segunda comissão dirigida pelo Pe Lemoyné, com a mesma finalidade. Desta vez com o consentimento do próprio Dom Bosco que sabia “não ter dado um passo sem inspiração de Nosso Senhor”.

Concluindo podemos dizer que o nosso Beato, com os primeiros salesianos, consagrou a sua fidelidade a um “espírito” evangélico que todos reconheciam fora dado pelo Altíssimo ao seu pai e amigo — Dom Bosco.

Hoje a crise da fidelidade à vocação muitas vezes é crise de estima do Fundador: esquecemo-nos de que é também uma alma privilegiada a quem o Espírito Santo concedeu dons destinados a constituir um patrimônio de valores permanentes que varam os tempos.

### **Se ele tivesse o leme hoje**

A Igreja, na qual e para a qual é dado todo carisma, é o árbitro supremo da autenticidade de qualquer projeto evangélico.

Ela aprovou oficialmente as nossas Constituições; Canonizou Dom Bosco, Madre Mazzarello, Domingos Sávio; agora declara Beato ao Padre Rua e de mil modos confirmou a genuidade do patrimônio espiritual de Dom Bosco. A Igreja é a tesoureira e reguladora dos carismas e, ao mesmo tempo, a tutora autêntica do espírito de todas as famílias religiosas.

O Padre Rua conheceu e amou essa verdade, em meio mesmo a agudos sofrimentos. Se tivesse hoje ele o leme da Congregação, podemos ter certeza de que seria exemplo de docilidade à Igreja que aos Institutos Religiosos pediu o ajornamento das Constituições e de forma de vida segundo as orientações do Concílio Vaticano II.

E o Padre Rua teria apreciado o esforço do nosso Capítulo Geral Especial que profundou com inteligência e fidelidade a missão e o espírito de Dom Bosco; rejubilar-se-ia com as novas Constituições enriquecidas do autêntico “espírito primitivo” e animadas quase a cada página pelo nome e pela palavra do nosso santo Fundador e Pai.

A Igreja precisa de fidelidade: a fidelidade das pessoas e a fidelidade dos Institutos. Uma e outra resplandece no Padre Rua: quis com todas as suas energias que a sua pessoa e a Congregação vivessem com fidelidade absoluta ao espírito de Dom Bosco, bem sabendo que a Igreja necessita do testemunho específico próprio de cada família religiosa.

Um dos *slogans* mais habituais de Paulo VI aos religiosos: “Sede o que sois”, devemos fazê-lo nosso como “Salesianos”. É sempre o tema da fidelidade que nos deve estimular. A Beatificação do Padre Rua não só não-lo repete, mas não-lo chama. Se alguém houve que foi sempre igual a si mesmo”, desde a idade dos oito anos aos setenta e três, sempre com Dom Bosco e de Dom Bosco, sempre em atitude de dócil escuta, foi o novo Beato, apelidado, certamente não por retórica, “a regra viva”.

### **A fidelidade é atual**

Em tema de fidelidade permiti-me outra reflexão de aprofundamento numa hora que se nos apresenta assinalada, como hoje se usa dizer, por uma crise de identidade. Esse aprofundamento servirá para olhar para a figura do Padre Rua sob um ponto de vista de atualidade e de necessidade urgente.

Costuma-se dizer que a fidelidade é o “atributo maior de Deus”, (Leon Dufour); toda a história da salvação está sempre condicionada pela “fidelidade à Aliança”.

A vida do povo de Deus e, por isso, a nossa também, será julgada em base da fidelidade ao batismo que para nós implica a fidelidade à profissão religiosa. O Paraíso é com efeito, a pátria do “servo fiel” por quanto “fiel no pouco” tenha sido.

A fidelidade, considerada nos santos, é constância de amizade; é a adesão definitiva a uma Aliança de salvação. Olhando para o Padre Rua, podemos dizer que a fidelidade implica o conhecimento de Jesus como amigo, a união com Ele num pacto vocacional, a garantia interior da permanência e atualidade contínua dos valores dessa aliança, o compromisso de lhes defender a integridade e de manifestá-los aos outros num testemunho de vida.

Semelhante fidelidade só pode ser expressão de marcante personalidade, porque exige o exercício contínuo das atividades humanas mais características: inteligência, liberdade, amor, disciplina da vida.

Para ser “fiel” é necessário uma inteligência que descubra os valores; uma liberdade que saiba empenhar-se numa opção fundamental; um coração capaz de fundir a permanência dos valores de ontem com a novidade dos valores de hoje; uma disciplina de vida que encarne de forma realística o todo de acôrdo com as exigências de uma pedagogia da existência.

É verdade que a liberdade humana tem a característica de dizer hoje o que decidiu ontem, pois que, em todo horizonte psicológico, acontecimentos e sinais do tempo podem trazer novidades que arrastam. Mas o homem é também capaz de se defender das inundações repentinas das torrentes.

Por outro lado a medida de uma personalidade e o sentido último da grandeza da liberdade não podem jamais consistir na indiferença da escolha, isto é, em poder trocar sempre de decisão. A grandeza de uma pessoa está no fato da escolha de um valor verdadeiro e no empenho em realizá-lo em sua vida. Manter continuamente abertas todas as possibilidades de escolha significa, de fato, não se empenhar nunca realmente em nenhuma delas, querer de coração valor algum, acomodar-se num relativismo indefinido, não mais acreditar em nenhuma escolha definitiva. Semelhante atitude de indiferença pode-se explicar no momento que precede a decisão, mas não pode jamais constituir a grandeza de uma pessoa, nem a ocupação da sua vida.

No Padre Rua a sua vocação salesiana se manifesta como a opção fundamental que define historicamente a sua liberdade. A fidelidade ao propósito que escolheu e a consciência

de pertencer à Congregação dão a medida da grandeza da sua personalidade.

Devemos acrescentar, ao olharmos para este nosso modelo concreto, que a fidelidade é conquista cotidiana, nunca estática ou definitiva; parece antes como uma espécie de desafio sempre vivo e novo nos horizontes do espírito, principalmente quando se vive numa época de mudanças.

Pois a fidelidade não se reduz a mera repetição: Não se trata de repetir o que se tem de fazer de qualquer maneira. Quem é fiel deve sempre evitar o perigo da involução materialmente conservadora, que confunde o imobilismo com fidelidade. Mas também deve evitar o deslumbramento de um progressismo superficial que adultera a fidelidade enquanto nutre o espírito de relativismo e naturalismo.

Em nossas Constituições renovadas temos um capítulo que nos ajuda a refletir sobre o sentido da nossa fidelidade, que é “esforço constante de renovação” e “dinâmica de ajornamento permanente”; “participação na paixão de Cristo” e empenho em “usar com humildade dos meios de defesa contra a nossa fraqueza” (art. 118 e 119).

Inteligência, liberdade, amor, disciplina são os componentes essenciais de uma fidelidade que olha para a morte pessoal de cada um como para o ato mais expressivo do testemunho que sanciona de modo definitivo a aliança vivida. A morte do Padre Rua não se nos manifesta simplesmente como a coincidência cronológica de permanência da vocação salesiana com o fim da sua vida, mas como a expressão suprema (o testemunho ou o “martírio”) da opção fundamental da sua liberdade e do seu amor a Jesus Cristo no espírito de Dom Bosco.

Com razão nos dizem as Constituições renovadas: “A doença e a enfermidade da velhice, aceitas com fé, são para o Salesiano tempos especiais de fidelidade (art. 121) e a hora da morte é considerada como “o momento de dar à sua consagração o remate supremo” (art. 122).

Penso, e muitas vezes com angústia, que temos hoje necessidade especial da lição de fidelidade que o Padre Rua nos deu com tamanha eloquência, a fim de descobriremos pessoal e comunitariamente que para sermos fiéis temos que fazer exercícios de inteligência espiritual, de opção leal de pertença, de amor apostólico e de disciplina varonil.

Oxalá identifiquem todos os irmãos a própria profissão perpétua com a verdadeira opção fundamental da sua existência e floresça em todas as comunidades a consciência da atualidade dos nossos valores vocacionais e a ascese e industriosa e válida de acordo com as exigências do espírito de sacrifício salesiano.

## FOI O SALESIANO INTEIRAMENTE DE DOM BOSCO

Permiti-me agora faça convosco a chamada prova dos nove, confrontando alguns dos mais característicos elementos do patrimônio salesiano com a realização deles na vida do Padre Rua, “o salesiano fiel”.

### Caridade de pastor

“O centro do espírito salesiano, dizem-nos as Constituições renovadas, é a caridade pastoral” (art. 40). Toda a vida de Dom Bosco é permeada pelo sentido de Deus traduzido em afã pela salvação principalmente dos jovens: “almas e nada mais”.

O Padre Rua entendeu isso à maravilha. Na carta circular de 24 de agosto de 1894 escreve: Dom Bosco não deu passo, não disse palavras, não pôs mão em empresa alguma que não tivesse por mira a educação da juventude... Dom Bosco de fato não teve a peito senão e só as almas. Disse-o com os fatos e não só com palavras: “Da mihi animas, caetera tolle”.

Nos “quartos” de Dom Bosco ainda hoje há dois quadros que contêm os dois *slogans* da espiritualidade salesiana. São talvez os mais antigos entre todos os cimélios de Valdocco. O primeiro é aquele mesmo que chamou a atenção de Domingos Sávio e serviu de assunto ao primeiro diálogo entre mestre e discípulo: “Da mihi animas...”. O outro, que está ainda no batente da porta de entrada diz: “Só uma coisa é necessária, salvar a alma”. E Dom Bosco conseguira viver e fazer viver a seus filhos esses dois *slogans*, de maneira que fossem a mola de sua atividade apostólica durante a vida e o último e mais espontâneo argumento de reflexão também no leito de morte. A atividade prodigiosa do Padre

Rua que proveu constatar demais com a sua figura delicada e com a sua saúde sempre precária, só aqui é que tem a sua explicação, nos dois *slogans* da doutrina espiritual de Dom Bosco.

A paixão pelas almas, tanto em Dom Bosco como no Padre Rua, não foi jamais um alibi para descuidar os valores terrestres de promoção humana. Pelo contrário, estimulou-o a multiplicar e fazer multiplicar iniciativas, meios e modos para acudir as necessidades materiais, intelectuais e sociais da juventude pobre.

Mas o Padre Rua não se esquece de que, como filho de Dom Bosco, trairia a sua vocação se não a encarnasse em iniciativas concretas de educação humana, não para reduzir a caridade pastoral a simples horizontalismo, mas para afirmar com Dom Bosco que a nossa caridade é muito prática e se dedica a “aperfeiçoar a ordem temporal com o espírito do evangelho. Trabalhamos, dizem as Constituições renovadas, pela promoção integral de todos, dos jovens especialmente e dos adultos ajudando-os a se tornarem honestos cidadãos e bons cristãos” (art. 17).

### **Trabalho e temperança**

Outro aspecto característico do patrimônio salesiano, a que Dom Bosco chamou “a nossa bandeira” expressa-se em duas palavras muito claras e que encerram sérios compromissos: “trabalho e temperança”.

É todo um programa pedagógico de fidelidade, dando a importância devida a uma disciplina de vida, que é expressão de eficácia na missão e de santidade na consagração.

As atas do XIX capítulo Geral já tinham posto em bastante relevo essa visão do trabalho Salesiano com uma afirmação muito significativa: “Oração e trabalho são como duas mãos juntas que nunca se devem separar e muito menos opor-se. O mesmo Jesus deu disso exemplo”.

### *Santo Laborioso*

Dom Bosco resumiu a sua disciplina de vida com esta recomendação de uma simplicidade evangélica: “Não vos

aconselho penitências nem disciplinas, mas trabalho, trabalho, trabalho” (MB, IV, 216). Ele mesmo nos deu o exemplo mais brilhante.

Bem sabemos que o seu médico afirmou que morreu alquebrado de fadigas, gasto pelo trabalho incessante. E os primeiros salesianos por certo que não lhe ficam atrás. Mas quem mais do que qualquer outro copiou fielmente ao Pai foi o Padre Rua.

Foi o que o próprio Dom Bosco declarou, em 1876, numa conversa. “quem se poderia chamar vítima do trabalho seria o Padre Rua. . .”.

E o Padre Rua naquele ano de 1876 era prefeito Geral, Diretor do Oratório, Catequista Geral, Diretor das Filhas de Maria Auxiliadora, Diretor Espiritual do Refúgio “Barolo”, pregador, confessor habitual na igreja de Maria Auxiliadora, sem contar outros encargos eventuais. . .

Correra já o risco de morrer exatamente por excesso de trabalho, em 1868, logo depois da festa da consagração do Santuário de Nossa Senhora Auxiliadora. “Querido Padre Rua, disse-lhe Dom Bosco naquela circunstância, não quero que morras, tens ainda muito que trabalhar”. E deu-lhe a benção com tão grande fé, acrescentando-lhe com segurança: “Escuta Padre Rua, mesmo que te atirassem pela janela hoje como te achas, asseguro-te não correrrias” (*Amadei, Un Altro Don Bosco, pág. 138*).

O mais belo elogio do Padre Rua trabalhador e santo, foi o que fez um ex-aluno, ao depois professor de Universidade e membro da Municipalidade de Turim, professor Rinaudo. Voltando-se para os colegas ao prestar homenagem sem distinção de partido aos restos mortais do Beato, exclamou: “O Padre Rua foi o santo ideal, que a humanidade sofredora procura e anela. Fé límpida como um cristal, resistente como o diamante, não porém, absorto em contemplações místicas, foi o verdadeiro santo laborioso dos nossos dias. Desde 1845, quando aos oito anos experimentou o carinho paterno de Dom Bosco, até o dia em que sua fibra cansada o prendeu no leito de morte, não teve sequer um dia de descanso. Sessenta e cinco anos de trabalho assíduo, fecundíssimo! . . . Verdadeira figura de asceta laborioso” (*Auffray, Beato Michele Rua. 1972, pág. 174*)

### *A temperança:*

E com o trabalho a temperança: um condiciona a outra. O nosso trabalho é sempre um trabalho de pobres para pobres, sem mira para o descanso. O Salesiano jamais se aposenta. Bem o sabem muitos irmãos que malgrado à idade avançada, estão ainda na linha de frente.

Trabalho e temperança podem, pois, para nós, traduzir-se por “pobreza laboriosa”.

O clima da pobreza, garantia de temperança absoluta, é o único em que pode viver e prosperar a nossa Congregação. Principalmente hoje. Das sessenta e tres cartas circulares do Padre Rua aos salesianos, a que mais impressiona é ainda a carta sobre a pobreza. Uma testemunha depõe assim no processo apostólico: “A sua circular sobre a pobreza é um monumento de ascética religiosa que o Padre Rua erigiu à sua própria pessoa... Sem querer, nos deixa o seu retrato”. (*Auffray, o. c., pág. 158*).

Aliás Padre Rua conhece muito bem as palavras severas de admoestação que Dom Bosco proferiu. A nossa Congregação terá terminado a sua carreira quando entre nós aparecerem riquezas e comodidades.

Também no Regulamento dos Cooperadores, que ele define com prazer “Salesianos sem votos”, traça-lhes um teor de vida que tem toda a austeridade da pobreza religiosa: “Modéstia no traje, frugalidade à mesa, simplicidade na mobília, conversação irrepreensível, exatidão nos deveres do próprio estado. Estes cinco pontos são o conforto e bem-estar da vida salesiana dentro e fora de nossas casas.

### **A mansidão**

Neste ponto a mim me parece que o Padre Rua possuía virtude que por certo não dava na vista, mas nem por isso menos rica de valores. Disse um escritor que “a paciência é a mais heróica das virtudes, porque não tem nenhum aspecto heróico”. (8).

Há muita verdade nessa afirmação: é muito mais facil trabalhar à doida do que ser paciente. Entretanto sem a pa-

ciência a mesma nossa virtude característica que é o carinho, a amabilidade nos modos e palavras — não seria mais virtude. Só quando a amabilidade se torna estavel e inalteravel é que se pode chamar mansidão e brandura. No Padre Rua, mesmo se não encontramos o brilho encantador do carinho de Dom Bosco, há toda a sua brandura, a igualdade de caráter, fruto de paciência heróica.

A experiência nos ensina este fato: quanto mais uma pessoa é severa consigo mesma, tanto mais generosa, compreensiva e indulgente procura ser com os outros. Os santos muito severos consigo mesmos desconhecem intransigência e dureza para com o próximo. O Padre Rua vai ainda mais além. O bilhete manuscrito que contém os propósitos que tomou nos exercícios espirituais de Lanzo, em 1876, termina com esta linha: “jamais julgarei a quem quer que seja, a não ser a mim mesmo”. Mesmo quando por dever advertia a alguém para que observasse regras e votos, fazia-o sempre de modo a lembrar o compromisso assumido, nunca para condenar a transgressão. Assim ajudava o irmão a fazer a vontade de Deus.

## **O carinho**

A brandura do Padre Rua não era feita só de auto-domínio. Era também carinho e verdadeira ternura. Não nos deve enganar o seu rosto todo ossos, os seus olhos avermelhados, o seu gesto comedido. Para descobrir o amor é preciso fazer a autópsia do coração e não a do rosto.

E ele próprio nos oferece a mais nítida radiografia do seu coração, na carta dirigida aos irmãos da Argentina poucos dias depois da morte de Dom Bosco. “A grande bondade de que estava animado o coração do nosso caríssimo Dom Bosco de santa memória, ateou com exemplos e palavras a centelha de amor que Deus bendito pusera no meu coração e eu cresci eletrizado por seu amor. Por isso se ao suceder-lhe não consegui herdar as grandes virtudes do nosso Fundador, o seu amor aos filhos Espirituais — oh este sim! — percebo que Nosso Senhor me deu!”

De resto temos um parâmetro garantido para medir a potência do amor do Padre Rua: o sofrimento revestido de

resignação calma, diria, de serenidade pelas dores dos que o circundavam e pelas provações da nossa família. Provações teve-as o Padre Rua durante a vida, muitas e algumas bem amargas.

O professor Rinaudo, que já mencionei e que conheceu intimamente o Padre Rua pôde dizer dele o que segue: “Olhar sempre manso, bom, benévolo; fala a um tempo decidida e suave; indulgência materna. Nunca ninguém o viu zangado: nas amarguras das perseguições comovia-nos o seu rosto tranqüilo e sereno a irradiar amor, paz e perdão”. (Auffray, o. c., pág. 174).

### **Duas predileções**

O elemento que caracteriza a nossa vocação salesiana é a nossa missão na Igreja, entre os jovens e as classes populares. A caridade pastoral nos leva a viver um amor educativo fonte de iniciativas concretas, principalmente em prol dos jovens mais necessitados e nas missões. Vivemos e trabalhamos com “os pequeninos e os pobres”, para fazê-los bons cidadãos e honestos cristãos.

A expressão suprema, porém, da nossa ação apostólica é a evangelização.” Dom Bosco começou a sua obra com uma simples aula de catecismo. A atividade evangelizadora e catequética é a dimensão fundamental da nossa obra. Como Salesianos somos todos e em qualquer ocasião educadores da fé”. (Const., art. 20).

Os salesianos em toda a parte e sempre devem sentir que são os “missionários da juventude, os enviados de Jesus Cristo para a evangelização das classes populares”.

### *Antes de tudo os jovens*

Se é verdade que o momento das origens de um carisma é o mais intenso da sua autenticidade, devemos dizer que a inspiração “genial” e a metodologia mais “original” da missão salesiana entre os jovens é a ação apostólica de Dom Bosco nos anos das origens do Oratório. Lá é que vemos a grande preocupação pela “evangelização” e “catequese”; lá é que tudo se baseia no “método preventivo” da amizade e

da confiança; lá é que se percebe com clareza especial o que hoje se chama “pastoral da juventude”.

Se nos referimos ao momento das origens e falamos do “Oratório”, fazemo-lo, recordando não simplesmente o início de uma “instituição” com estruturas certas, mas como a concretização mais expressiva e a fonte primordial da ação pastoral de Dom Bosco.

Mencionar, pois, uma predileção pelo Oratório não quer dizer pôr em relevo uma “obra” determinada de uma data histórica, mas uma escolha de estilo apostólico e uma atitude pastoral que deveria qualificar sempre a presença e o coração do salesiano em qualquer atividade ou instituição.

Com certeza nos tempos do Padre Rua o Oratório era também a continuação concreta de um tipo de obra. Seja como for o que sublinha a sua fidelidade à missão salesiana é precisamente um empenho constante em promover o Oratório.

*Seu sonho: em cada casa, um oratório*

Fidelíssimo intérprete de Dom Bosco, em mais de vinte cartas Circulares insiste na necessidade urgente de abrir Oratórios em todos os centros urbanos. O seu sonho era que toda casa salesiana tivesse anexo um Oratório e que ele fosse atendido com todo o pessoal necessário e também com todos os meios. Isso lhe parecia ser a mais bela garantia de que se trabalhava de verdade pela salvação dos jovens.

O Padre Rua não podia de certo esquecer-se de que Dom Bosco o conquistara exatamente como aluno do Oratório e de que a mais bela satisfação apostólica experimentara quando clérigo, ia todos os domingos ao Oratório de São Luís.

O cônego Ballesio que, quando jovem, colaborou com o Padre Rua, o diretor de dezessete anos de idade, no Bairro de Vanchiglia, deixou-nos esta declaração: “Nos dias compridos de verão saíamos cedinho de Valdocco para chegar a tempo ao Oratório de São Luís. Passávamos a manhã ou na Igreja ou no pátio com os meninos. . . Já era bem de noite quando voltávamos ao nosso Oratório. Os jovens nos acompanhavam; apinhavam-se em roda do Padre Rua, puxando-o pelo

braço e pela batina. Ao irem chegando à altura da própria casa gritavam: “Até outra vez, Padre Rua” e nos deixavam. Chegávamos bem tarde a Valdocco e comíamos como se podia. (*Amadei, Don Michele Rua, I, 165*).

Não foi ao acaso que o berço da Congregação se chamou e se chamará sempre “Oratório”, como que para reconhecer perpetuamente a fonte do nosso carisma educativo e o nosso empenho mais solene. O exemplo do Padre Rua em Vanchiglia, nos arredores de Turim, nos ensina que as almas é preciso procurá-las onde se acham, ainda que seja longe do nosso Instituto: Oratórios volantes, chamemo-los assim, catecismos nas favelas, nas periferias das cidades, quantas possibilidades e quantas necessidades, às quais se pode acudir, principalmente nas grandes metrópoles!

Isso tudo exige, é verdade, deixar certa rotina e talvez um ritmo de vida estandardizado, cômodo, aburguesado talvez. Aqui é que nos precisamos sacudir com força.

### **Quis a congregação “missionária”**

Além disso, o Padre Rua, como Dom Bosco, tinha uma sensibilidade particular para as Missões. Preocupou-se em fundar residências missionárias em todos os continentes. Nos vinte e dois anos em que foi Reitor-Mor organizou mais de vinte expedições. A mais numerosa contou com 299 irmãos: é um número que nos faz refletir.

Com intuição eclesial insistia em que se respeitassem os usos e costumes dos povos que não contrastassem com o Evangelho. Queria até que os missionários levassem “vida e seguissem usos e costumes dos Novos Países, deixando de lado o que era peculiar aos seus”. (*Francesia, Don Michele Rua, pág. 159*).

O Padre Rua, com suas palavras e mais ainda com o exemplo, confirma o que escreví pouco faz em outra carta: a Congregação para ser o que é, para que seja “qualis esse debet”, deve ser “missionária” no mais profundo e no mais amplo sentido da palavra. É precisamente dessa “índole missionária”, insisto ainda uma vez com profunda convicção, que a Congregação receba um fluxo oxigenado, vital e contínuo.

## Solicitude pelos Cooperadores

O Padre Rua teve muito a peito o aumento e a organização dos Salesianos Cooperadores, multiplicadores verdadeiros da missão salesiana no mundo, Cooperadores a quem Dom Bosco chamou “os nossos irmãos externos”.

A associação dos Cooperadores, conforme a primeira idéia do Fundador era uma *avant-première* de algo entre a Ação Católica e os Institutos seculares. Não admira, pois, se a “grande idéia” de então não foi aprovada no seu plano original e se alguns, mesmo entre os salesianos, não a vissem com clareza.

O Padre Rua, pelo contrário, se entusiasmou, com mente e coração, por tudo quanto se referia a esta estupenda “fundação” do Pai. E como Dom Bosco, também ele teve que sofrer a amargura da incompreensão da “grande idéia”, embora tivesse sido apresentada de maneira muito acessível.

Na sua carta circular de 19 de fevereiro de 1905 expressava-se deste modo: “Dom Bosco, ao apresentar o Regulamento dos cooperadores aos seus filhos que, como homens de pouca fé, duvidavam do êxito do novo empreendimento, dizia com o tom decidido que lhe era próprio e que não admitia objeções: — Garanto-vos, a Associação dos Cooperadores Salesianos será o apoio principal da nossa obra. — A Associação que custou tamanhos sacrifícios a Dom Bosco, que tem sido abençoada e encorajada pelos Sumos Pontífices, que é acolhida com entusiasmo por Bispos e Cardeais e que será sempre o apoio principal das obras Salesianas, a Associação, repito, está em nossas mãos, caríssimos filhos; nós é que devemos torná-la conhecida, propô-la e torná-la fecunda de frutos abundantes. Quereria ter um pouco da eficácia de palavra de Dom Bosco, para vos persuadir da necessidade de empregar todos os meios, empenhar todo o ardor do vosso zelo para o desenvolvimento desta que é das principais entre as obras salesianas. Se, por negligência nossa, viesse a decair, mostraríamos que não tivemos na devida conta as recomendações mais insistentes do nosso Fundador”.

Caros irmãos, se essa incompreensão, mesmo em nossa casa, da “grande idéia” que se antecipava aos tempos, podia

ter sua explicação há setenta anos, hoje, à luz do C. G. E. seria, deixai-me que o diga, uma imperdoável renitência a Dom Bosco e ao Padre Rua. A visão pastoral renovada da Igreja não nos permite mais descuidar do empenho apostólico dos leigos, da sua colaboração direta, da participação correspondente na missão salesiana no mundo.

As objeções que soem apresentar para que não nos ocupemos da organização e da animação dos cooperadores, não tem de fato fundamento. São fruto, digamo-lo também, de insensibilidade apostólica e salesiana, de superficialidade em reconhecer a grandeza das muitas vantagens que dá à Igreja e à Congregação a renovação da verdadeira vocação dos salesianos Cooperadores.

Há já setenta anos, o Padre Rua, na carta que citei, deixava escapar esta queixa paterna: “confesso-vos com toda sinceridade, não posso ficar contente quando venho a saber que alguns irmãos trabalham sem descanso para fundar e dirigir outras Associações e não se preocupam com a dos Cooperadores, que é toda nossa, inteiramente salesiana”.

O Padre Rua iria hoje mais longe ainda, ao manifestar a sua mágoa e nos daria: “Vós vos queixais de que faltam operários na vinha do Senhor, que as nossas obras passam por graves dificuldades por falta de braços e no entanto descuidais de tantos elementos dispostos a viver o espírito e a missão de Dom Bosco no Mundo”.

Em várias de nossas casas trabalham ao nosso lado leigos aos quais infelizmente não propusemos nunca o ideal do “cooperador”. Tornar-se-iam então, ao menos em grande parte, nossos conscientes, apostólicos, fraternos colaboradores, verdadeiros irmãos externos nossos, enquanto, por por desleixo nosso, continuam muitas vezes como meros elementos “externos”, nem mais nem menos como empregados.

O Capítulo Geral Especial se ocupou a fundo dos Cooperadores. Basta ler e realizar as vinte páginas do Documento 18.º. Então nos convenceremos de que a nossa Congregação, como nos disse Dom Bosco é à sociedade no-lo repetiu o Padre Rua, pode olhar com confiança para o futuro, pois é querida por Deus, guiada por Maria Auxiliadora e “sustentada pelos Cooperadores Salesianos”. E “sustentar” não quer dizer “beneficiar”, mas “co-operar”, é, “trabalhar conosco”.

O parágrafo 730 dos Atos do Capítulo Geral Especial diz expressamente: “O cooperador, no pensamento primordial de Dom Bosco, é um verdadeiro salesiano no mundo, é um cristão, leigo ou sacerdote, que, mesmo sem os vínculos dos votos religiosos, realiza a vocação à santidade consagrando-se ao apostolado em meio aos jovens e às classes populares, segundo o espírito de Dom Bosco, a serviço da Igreja local e em comunhão com a Congregação Salesiana”.

Espero que os Capítulos Inspetoriais Especiais enfoquem bem este ponto que, a meu ver, é um dos mais qualificados da nossa renovação.

E faço votos que, fruto das decisões concretas tomadas a esse respeito, se possa verificar nas Inspetorias que Dom Bosco e o Padre Rua tinham razões de sobra para insistir que depois que em Deus e em Maria Auxiliadora, confiássemos na contribuição apostólica dos Cooperadores Salesianos.

### **Amor aos ex-alunos**

Num dos últimos anos de vida, Dom Bosco disse aos antigos alunos que se tinham reunido ao seu derredor por motivo do seu dia onomástico: “Vós não podeis imaginar a alegria que experimento vendo-vos aqui comigo. É sempre prazer para mim achar-me em meio aos meninos, mais é consolação grande e indizível para mim estar rodeado dos meus filhos adultos, porque não são já a esperança, mas o fruto das minhas canseiras e solitudes”.

É precisamente na fidelidade ao espírito do Pai que o Padre Rua se preocupou com cuidado especial dos Ex-alunos. “Persuadamo-nos, dizia, que, reunindo-os em sociedade, não os salvaremos somente a elas, mas salvaremos também os familiares, amigos e conhecidos”.

A primeira organização verdadeira desta grande força de bem no mundo, devemo-la propriamente ao Padre Rua. Ele os quis organizados, pois sabia que não é tanto o número que faz a força, quanto o vínculo de associação.

O recente Congresso Mundial dos Ex-Alunos (1970), entre outras coisas, formulou um voto ardente do Padre Rua, o de reconhecer certo empenho apostólico aos Ex-alunos.

O Padre Rua sonhara-os apóstolos do bem não só em suas famílias, mas também no ambiente social em que estivessem. O recente Capítulo Geral Especial quis afirmar essa moção junto com outra de maior empenho ainda e que brotou também ela, no mesmo pensamento de Dom Bosco, do coração do Padre Rua em várias ocasiões: a inscrição dos ex-alunos cristãos com empenhos apostólicos entre os salesianos Cooperadores. Ninguém é mais bem preparado do que um Ex-aluno para se tornar um “Salesiano no Mundo”.

### **A MENSAGEM DO PADRE RUA PARA A DECADA DE 70**

Voltando à iminente Beatificação do Padre Rua, gostaria de acrescentar algumas considerações também sobre a sua atualidade e sobre a sua mensagem.

Lembrava numa carta anterior as palavras do “Osservatore Cattolico”, de Milão, sobre o Padre Rua aos seus sessenta e quatro anos. O artigo tinha como fecho uma síntese bem feliz: “É (o Padre Rua) de uma bondade indizível e de uma atividade extraordinária”.

A “bondade indizível” não lhe sobreveio com os anos da maturidade; tinha-a já antes e conservou-a até o fim.

Do Padre Rua, quanto tinha vinte e oito anos declarou o clérigo Cerruti: “Lembro ainda os dois anos em que o Padre Rua foi diretor em Mirabello; lembro sempre a sua operosidade incansável, a sua prudência de governo tão inteligente e delicada, o seu zelo não só pela parte religiosa e moral, como pela intelectual e física, dos irmãos e jovens que lhe foram confiados. Conservo viva ainda na alma a impressão do amor, não direi de pai, mas de mãe, com que me amparou em maio de 1865, quando fiquei gravemente doente”. (Amadei, o. c., I, 175).

### **Se tivesse dez como o Padre Rua**

Aliás, Dom Bosco, que o conhecia intimamente mais que qualquer outro, não hesitava em afirmar, dando dele um juízo global: “Se eu tivesse dez como o Padre Rua, iria à conquista do mundo!” (Amadei, o. c., II, 251).

Na mesma linha está o testemunho do então Padre Cagliero. Em 1879, ao voltar pela primeira vez da América, Dom Bosco o interpelou sobre o nome de três irmãos que, a seu ver poderiam governar a Congregação caso viesse a morrer. Respondeu imediatamente: “Três? mais tarde sim, mas por agora só há um: o Padre Rua”. Dom Bosco sorriu e acrescentou: “temos um Padre Rua tão somente. Foi sempre o braço direito de Dom Bosco”. E o padre Cagliero com seu modo impetuoso e sincero: “Não só braço, mas cabeça, mente e coração!”.

Que fosse de uma atividade extraordinária, embora se conservasse a exemplo de Dom Bosco sempre calmo, prova-o o ritmo das suas realizações na expansão da nossa Sociedade.

A sua capacidade e a sua coragem inteligente e sensível aos tempos aparecem na organização e na direção dos seis Congressos de Cooperadores Salesianos que ele tomou pessoalmente sobre si. Abre a série o Congresso de Bolonha em 1895. A “*Civiltà Cattolica*” escreveu: “O Congresso Internacional dos Cooperadores Salesianos em Bolonha foi uma demonstração esplêndida de operosidade religiosa de ordem e perfeição. Os salesianos bem merecem o belo louvor de ter conhecido os tempos e de neles trabalhar, escolhendo para o seu apostolado os pobres e os trabalhadores”, (*Civiltà Cattolica*, maio de 1895, pág. 485). Um fato extraordinário naqueles tempos, na tribuna reservada à imprensa, havia correspondentes de sessenta jornais.

A distância de cerca de oitenta anos surgem espontâneas não poucas reflexões diante das iniciativas e atividades do Padre Rua.

Devemos refletir principalmente se nos pesam responsabilidades de guias e animadores na Congregação. Uma pergunta por fazer é sem dúvida esta: “Que é que se fez em nível de comunidades locais, inspetoriais para continuar no caminho que o Padre Rua abriu? Que é que se deve fazer para ganhar tempo (e terreno) talvez perdido?”

### **Com os trabalhadores**

Fidelíssimo ao carisma salesiano também no setor popular, o padre Rua se achou à vontade mesmo entre operários

em greve, conseguindo compor a desagradável pendência dos tecelões de Turim, em 1906. O seu interesse pelos operários não foi episódio esporádico. Nós o encontramos já em 1889, na estação de Porta Nova acolhendo dois mil operários franceses, de passagem para Roma. Em três quartos de hora que tiveram de esperar, soube granjear o ânimo de todos, falando muito bem em francês, simples e correto.

Em 1891, sete trens de operários organizados por Léon Harmel, pararam em Turim para prestar homenagem a Dom Bosco, na sua tumba, antes de prosseguirem a viagem para Roma. O Padre Rua hospedou a todos os 4.000 no colégio de Valsalice e participou da refeição que tomaram à sombra das árvores do pátio. “A sobremesa tomou a palavra e manifestou a sua viva admiração pelo movimento social deles e lhes pediu que depusessem aos pés de Léon XIII a homenagem de sua devoção. Um aplauso interminável prorrompeu da assembléia para com o apóstolo simples, paterno, que desde o primeiro instante soubera encontrar o caminho do coração daquela gente. (Auffray, o. c., pág. 122).

### **Um convite em nome do Padre Rua**

Queria terminar a minha carta dirigindo-me, em nome do Padre Rua, a cada um de vós em particular, como que num colóquio pessoal, coração a coração. É um convite a olhar para Maria Auxiliadora, a Verdadeira fundadora da Família Salesiana.

O convite é feito em nome do Padre Rua o qual cuidou da construção do Santuário da nossa Mãe e, cinquenta anos mais tarde, da coroação solene da sua imagem.

Ela é que, por vontade de Deus, preside aos eventos da nossa Congregação. Ela é que na Beatificação do “fidelíssimo de Dom Bosco” quer repetir-nos a mensagem da fidelidade. Precisamos de luz para bem compreender, de graça abundante para praticá-la com o mesmo entusiasmo que tínhamos quando fizemos a primeira profissão.

Mas a fidelidade para ser tal, deve, como a de padre Rua, estender-se a todos e a cada um dos componentes do espírito salesiano. Foram esses os mesmos que orientaram o nosso

Capítulo Geral Especial e que aparecem com clareza cheia de vida nos duzentos artigos das Constituições renovadas.

De modo particular leiamos meditando o artigo 119 que se intitula precisamente: “A nossa fidelidade”. Abre-se com uma afirmação de simplicidade e profundidade evangélica: “A fidelidade ao compromisso assumido com a profissão religiosa é um ato de fé em Nosso Senhor que nos chamou”.

O índice de fidelidade depende do grau da nossa fé, regra do nosso agir. São Francisco de Sales dá uma imagem luminosa da fé quando escreve que “é o raio celeste que nos faz ver Deus em todas as coisas e todas as coisas em Deus”.

Do Padre Rua o Card. Cagliero deporá no processo Diocesano: “No Padre Rua jamais existiu nem o eu nem o meu, mas somente Deus”. Era o homem de fé perfeita; eis porque a sua fidelidade foi completa, integral e fecunda.

### **Fidelidade hoje**

Caríssimos, iniciando esta carta eu vos convidava a “olhar” para o Padre Rua. Não poderia concluí-la com apêlo diferente: olhemos para o fidelíssimo de Dom Bosco para seguir suas pegadas e imitar seus exemplos.

A sua fidelidade é hoje para nós um convite forte à conversão pessoal e estímulo para maior compreensão dos valores da nossa vocação salesiana, para um empenho pastoral mais de acordo com as exigências dos tempos e dos destinatários dele, e para uma disciplina de vida mais enérgica e constante.

Ser fiel hoje, para nós significa reviver com autenticidade o mesmo espírito e a mesma missão em situações novas. É neste sentido que devemos “seguir as pegadas” do Padre Rua; é nesta “imitação” que acharemos o modo mais eficaz e concreto para honrar e dar valor ao presente que a Igreja nos faz com a Beatificação do Padre Rua.

Que a Virgem Auxiliadora nos guie e ajude a sermos salesianos como ele!

PADRE LUÍS RICCERI,  
*Reitor-Mor*

## II. DISPOSIÇÕES E NORMAS

---

### 1. Normas para as celebrações em honra do Bem-Aventurado Padre Miguel Rua

A "Sagrada Congregação para o Culto Divino", a pedido da "Postulação Salesiana" concedeu um "indulto" contendo as normas litúrgicas para as celebrações em honra do Bem-Aventurado Padre Miguel Rua.

Estas celebrações, que podem consistir em uma festa eventualmente precedida de um tríduo, devem realizar-se até o dia 29 de outubro de 1973.

Durante as celebrações pode-se celebrar a Missa do novo Bem-Aventurado, em todos os dias, exceto nos seguintes: as solenidades, os domingos do Advento, da Quaresma, e do Tempo Pascal, Quarta-Feira de cinzas, a Semana Santa e a Semana de Páscoa.

Reza-se o Glória e nas celebrações de particular solenidade pode-se rezar também o Credo.

Nos dias em que é permitido rezar a Missa do Bem-Aventurado Padre Miguel Rua, também se pode validamente rezar suas Vesperas.

A Sagrada Penitenciaria Apostólica concede para os dias das celebrações, as indulgências plenária e parcial. A *indulgência plenária* é concedida apenas uma vez, aos fiéis que tiverem feito sua confissão e comunhão e fizerem uma prece segundo as intenções do Papa visitando a igreja (ou oratório público) onde se realizam as celebrações e rezando um Pai-Nosso e um Creio. As *indulgências parciais* são concedidas aos que nesses mesmos dias visitarem devotamente uma igreja com o coração contrito.

### 2. Deliberações dos Capítulos Inspetoriais

O Vigário do Reitor Mor, Pe. Gaetano Scrivo, em data de 4 de outubro de 1972 enviou aos Inspetores a seguinte carta.

Caro Senhor Inspetor, começam a chegar ao Conselho Superior as Atas e Deliberações das Inspetorias que já concluíram os Capítulos Inspetoriais.

Peço-lhe ter presente quanto segue.

1. Para facilitar e tornar mais rápido aos Dicastérios e aos Superiores o exame pessoal e em equipe dos documentos, as Atas conclusivas dos Capítulos sejam enviadas ao Conselho Superior em doze cópias.

As Inspetorias que já enviaram um número menor de cópias das Atas de seus Capítulos Inspetoriais, tenham a bondade de completar o número pedido.

2. No artigo 178 das Constituições le-se: “As deliberações do Capítulo Inspetorial terão força de obrigar somente depois da aprovação do Reitor-Mor e do seu Conselho, salvo quanto prescreve o artigo 177, 5”.

É preciso ater-se a tais prescrições, evitando a apresentação oficial aos irmãos das Atas do Capítulo Inspetorial como conclusivas e juridicamente urgindo, como também atuando, mesmo parcialmente, as deliberações, antes que seja notificada a aprovação do Reitor-Mor e do seu Conselho.

### **3. A aplicação dos artigos 196 e 197 das Constituições**

Em data de 15 de setembro de 1972 o Ecônomo Geral enviou aos Inspetores e Ecônomos Inspetoriais a seguinte carta.

Caríssimos, um dos cumprimentos prescritos pelas novas Constituições é o que diz respeito ao artigo 197. Nele está estabelecido que é competência do Reitor-Mor e do seu Conselho determinar os limites dentro dos quais é suficiente a autorização do Inspetor e do seu Conselho, para as operações econômicas indicadas pelo artigo precedente (196).

Ora, visto que para estabelecer tais limites se requer também o parecer de cada Conselho Inspetorial e o conhecimento das atuais decisões das respectivas Conferências Episcopais, pedimos queiram mandar-nos a proposta do seu Conselho e informar-nos sobre as últimas deliberações da Conferência Episcopal no assunto.

Saliento que a soma estabelecida pela Conferência Episcopal diz respeito à competência do Superior Geral, o qual, dentro dos limites dessa soma, não tem necessidade do “nulla obstat” da Santa Sé (ver o “Manual do Secretário Inspetorial”, pág. 14).

É evidente por isso que a determinação da Conferência Episcopal é somente uma base indicativa, para estabelecer os limites de valor dentro dos quais é competente o Inspetor com o seu Conselho.

Os Conselhos Inspetoriais, portanto, no formular a sua proposta em matéria tão delicada, examinem atentamente a questão, para indicar ao Conselho Superior qual importância — para as operações de que trata o artigo 196 — se ache oportuno deixar à competência do Inspetor com o seu Conselho.

Onde as Conferências Episcopais não tenham tomado nenhuma decisão sobre o assunto, os Conselhos Inspetoriais regular-se-ão examinando a situação inspetorial e as condições econômicas locais.

Adverte-se que, para qualquer ocorrência, os Inspetores devem regular-se conforme o artigo 196 das Constituições, até que não sejam estabelecidos pelo Reitor-Mor os limites das suas competências para as respectivas Inspetorias.

Por razões práticas, pede-se que se indique o valor *em moeda nacional* trocada em dólares USA.

Aproveito a ocasião para lhes enviar cordiais saudações e lhes desejar todo o bem.

P. ROGÉRIO PILLA  
*Ecônomo Geral*

### III. COMUNICAÇÕES

---

#### 1. A Beatificação do P. Rua

A Família salesiana participa da Beatificação do Pe. Miguel Rua com uma grande série de celebrações programadas em Roma e em Turim.

Em Roma a cerimônia da Beatificação na Basílica de São Pedro está prevista para as 9,30 horas do domingo, dia 29 de outubro. Às 12 horas do mesmo dia a família salesiana prestará homenagem a Paulo VI na Praça de São Pedro. Às 17 horas na Aula Magna do Pontifício Ateneu Salesiano, com a presença de autoridades e de várias representações, o Ex.mo Sr. Antonio Alessi fará a comemoração civil do novo bem-aventurado.

No dia seguinte, 30 de outubro, pela manhã, na basílica romana de São João Bosco, a família, tributará homenagem ao Pe. Rua com uma concelebração presidida pelo Reitor-Mor.

Um tríduo em honra do Pe. Miguel Rua se realizará no mesmo dia 30 de outubro e nos dois dias seguintes, ainda em Roma, nas três igrejas salesianas de "Santa Maria Liberatrice" (Testaccio), de São João Bosco e do Sagrado Coração de Jesus. Estão em programa muitas concelebrações, presididas por cardeais, bispos e superiores salesianos.

A celebração de Turim, cidade natal do Padre Miguel Rua, dar-se-á nos dias de 9 a 12 de novembro. Haverá encontros, conferências e várias funções, para a juventude salesiana, para o clero turinês, para as religiosas da cidade e para a família salesiana. A comemoração civil realizar-se-á no teatro de Valdocco pelo Prof. Ítalo Lama, da universidade de Turim.

Para esse evento de íntima alegria espiritual, está prevista uma larga participação da família salesiana da Itália e do Estrangeiro.

#### 2. Modificações na Inspetoria do PAS

O número anterior dos *Atos do Conselho Superior* informavam acerca de algumas transformações em andamento no Pontifício Ate-

neo Salesiano. Agora, com alguns decretos do Reitor Mor datados do dia 3 de outubro de 1972 foram tomadas as seguintes decisões sobre o assunto.

Um primeiro decreto, tomando em consideração “a insistência do Capítulo Geral Especial quanto a separação do Centro de Estudos da Comunidade de vida e de formação, para melhor garantia das finalidades fundamentais de ambos”, e que “cessaram os motivos que levaram à criação da Inspeção do PAS”, estabelece que essa mesma Inspeção seja supressa.

Com um segundo decreto a casa “Jesus Mestre”, que acolhe o pessoal adido ao PAS de Roma, fica transferida para a dependência do Reitor Mor, e fica constituída como “ente sui juris”. O mesmo documento delega o Reitor Magnífico para governar essa Comunidade “ad instar inspectoris”.

Um último decreto anexa à Inspeção Central cinco casas da Inspeção supressa do PAS. Destas quatro acham-se em Roma: o Pensionato “São João Bosco” para os sacerdotes estudantes, o Pensionato “São Francisco de Sales” para os clérigos estudantes, a comunidade da “Paróquia Santa Maria da Esperança” e o Instituto “São Tarcisio para os estudantes da Universidades Pontifícias. A quinta casa anexa à Inspeção Central é o Instituto Internacional “Dom Bosco” de Turim-Crocetta.

### 3. Nomeações

#### a) *Procurador Geral.*

O P. Décio Teixeira, já Inspetor de Belo Horizonte (Brasil) foi chamado para suceder ao P. Luís Cástano no cargo de Procurador Geral junto da Santa Sé.

A Congregação exprime o seu vivo agradecimento ao P. Cástano que deixa sua incumbência mantida com particular diligência durante 18 anos, e faz fêrvidos votos de feliz êxito ao P. Teixeira na tarefa que está para empreender a serviço da família salesiana.

#### b) *Delegado do Reitor Mor para o “Centro de Estudos” do PAS*

O P. Antonio Javierre, enquanto Reitor Magnífico do Pontifício Ateneo Salesiano, foi nomeado Delegado do Reitor Mor para o “Centro de Estudos” do PAS, que governará “ad instar inspectoris”.

#### **4. A 102.<sup>a</sup> Expedição Missionária salesiana**

No dia primeiro de outubro realizou-se em Turim na Basílica de N. S. Auxiliadora a função de adeus dos missionários da 102.<sup>a</sup> Expedição salesiana que partiam para o seu destino.

Os missionários enviados em 1972 são ao todo 24, dos quais oito padres, oito coadjutores e oito clérigos.

Segundo a nacionalidade eles provêm; 14 da Itália, 6 da Espanha, 2 das Filipinas e 2 respectivamente da Polónia e da Bélgica.

Segundo a Inspeção de origem, eles provêm: 4 respectivamente da Inspeção Central e da Meridional, 2 da Sicília e das Filipinas, e 1 da Subalpina, Veneta-Verona, Novaresa, Adriática, Polónia-Cracóvia, Bélgica Norte e das Inspeções espanholas de Sevilha, Córdova, Valência, Madri, León e Bilbao.

Segundo a destinação os missionários foram enviados: 16 para a América Latina (5 para o Brasil, 2 respectivamente para a Bolívia, Chile, Equador e Venezuela, 1 para a Argentina e Colômbia); 6 para a Ásia (2 para o Oriente Médio, 2 para a Tailândia, 1 para o Butão e 1 para Macau); 2 enfim para a África (para o Gabão e para o Zaire).

#### **5. O Secretariado Salesiano de Imprensa**

Entre as incumbências do Secretariado Salesiano de Imprensa transferido como os outros secretariados para Roma na nova Casa Geral, há a de recolher o maior número possível de notícias sobre a família salesiana, para serem depois retransmitidas segundo os critérios da moderna informação.

A fim de que seja menos difícil esta importante tarefa do nosso Secretário de Imprensa, os diretores das revistas são convidados a mandarem regularmente para dito Secretariado um exemplar das suas publicações.

Para a finalidade servem não apenas as revistas de larga tiragem, mas também as publicações locais, os noticiários da Inspeções, as folhas mimeografadas das várias organizações.

Essas publicações devem ser enviadas para o: UFFICIO STAMPA SALESIANO, Casella Postale 9092 — 00100 ROMA (Itália).

## 6. O Conselho Superior e a Casa Generalícia

*Para a informação e utilidade dos irmãos é apresentado aqui o quadro do Conselho Superior com a Casa Generalícia, como se encontra a partir de outubro de 1972.*

<b>REITOR MOR</b>	<b>P. LUIS RICCERI</b>
<i>Secretários</i>	P. Sílvio Silvano P. José Abbá Sr. Gaetano Guidi

<b>VIGÁRIO DO REITOR MOR</b>	<b>P. GAETANO SCRIVO</b>
<i>Secretário</i>	P. Mário Mauri

### FORMAÇÃO DO PESSOAL SALESIANO

<b>CONSELHEIRO</b>	P. Hegídio Viganó
<i>Perito para a Formação Permanente</i>	P. Pedro Brocardo
<i>Perito para a Primeira Formação</i>	P. José Aubry
<i>Perito para os Sales. Coadjuutores</i>	Sr. Renato Romaldi
<i>Secretário</i>	P. Miguel Solinas

### PASTORAL JUVENIL

<i>Conselheiro</i>	P. Rosalio Castillo
<i>Peritos</i>	P. Antonio Ferreira P. João Romo
<i>Secretário</i>	P. Pedro Dalbesio

### PASTORAL DOS ADULTOS E COMUNICAÇÃO SOCIAL

<b>CONSELHEIRO</b>	P. João Rainere
<i>Perito em Teologia Pastoral</i>	P. Mário Midali
<i>Perito em Pastoral Paroquial</i>	P. Guilherme Bonacelli
<i>Perito em Inst. de Comun. Social</i>	
<i>Secretário</i>	P. João Cherubin
<i>Cooperadores Salesianos</i>	
<i>Secretário Geral</i>	
<i>Escritório Central</i>	P. Agostinho Archenti
<i>Exalunos Salesianos</i>	
<i>Secretário</i>	P. Humberto Bastasi
<i>Imprensa</i>	
<i>Diretor</i>	P. Amadeo Rodinó
<i>Redator</i>	P. Enzo Bianco
<i>Relações Públicas</i>	Sr. Guido Cantoni
<i>Arquivo Fotográfico</i>	Sr. Francisco Milani

*Boletim Salesiano (sede em Turim-Valdocco)*

<i>Diretor</i>	P. Teresio Bosco
<i>Redatores</i>	P. Pedro Ambrosio P. Carlos De Ambrogio
<i>Correspondência</i>	P. Miguel Obbermito P. Mario Stefli (em Roma)
<i>Fichário e Expedição</i>	P. Arnaldo Montecchio

**MISSÕES**

---

<b>CONSELHEIRO</b>	P. Bernardo Tohill
<i>Perito</i>	P. Antônio Altarejos
<i>Secretário</i>	P. Timoteo Munari

**ECONOMATO GERAL**

---

<i>Ecônomo Geral</i>	P. Rogério Pilla
<i>Secretário</i>	Sr. Severino Valesano
<i>Repartição Patrimonial</i>	P. Romeo Tavano Sr. José Restagno
<i>Repartição administrativa</i>	P. Mário Stefli
Sr. Jaime Torasso	Sr. Davi Basso
Sr. José Ronco	Sr. Ernesto Zanella
P. Fortunato Faggion (em Turim)	Sr. Pedro Robaldo (em Turim)
<i>Repartição técnica</i>	P. Marcos Alciati (em Turim) P. João Rubatto
<i>Repartição Transportes e Viagens (sede em Turim-Valdocco)</i>	P. Vitório Tatak Sr. Luis Da Roit Sr. José Sersen

**CONSELHEIROS ENCARGADOS DE GRUPOS DE INSPETORIAS**

---

P. LUIS FIORA	<i>Secretário:</i> P. Orestes Giraldo
P. JOÃO TER SCHURE	<i>Secretário:</i> P. Alfredo Fleisch
P. ANTÔNIO MELIDA	<i>Secretário:</i> P. Angelo Berenguer
P. JOEGE WILLIAMS	<i>Secretário:</i> P. Luis Tavano
P. JOSÉ HENRIQUEZ	<i>Secretário:</i> P. Gianfranco Cófele
P. JOÃO VECCHI	<i>Secretário:</i>

**SECRETARIA GERAL**

---

<i>Secretário Geral</i>	P. Domingos Britschu
<i>Repartição Jurídica</i>	P. Mário Grussu
<i>Redação Elenco Geral</i>	P. Pedro Santiá
<i>Estatística</i>	P. Faustino Ayuso
<i>Arquivo</i>	P. Vendelino Fenyö
	P. João Homola
<i>Biblioteca</i>	P. Gregório Aranda

*Tradutores: lingua francesa*  
*lingua inglesa*  
*lingua espanhola*  
*lingua alemã*

*Correio e Expedição*

P. José Manguette (em Liege)  
P. Alan Mc Donald  
P. Gregório Alanda  
P. Alfredo Fleisch  
Sr. Renato Celato  
Sr. Egidio Brojanigo

**ENCARGOS ESPECIAIS**

---

*Procurador Geral*

*Secretário*

*Postulador Geral*

*Vigário para as Filhas de Maria A.*

*Assistente para as Volunt. de D. B.*

P. Décio Teixeira  
P. Pedro Schinetti  
P. Carlos Orlando  
P. José Zavattaro  
P. Estevão Maggio

## IV. ATIVIDADES DO CONSELHO SUPERIOR E INICIATIVAS DE INTERESSE GERAL

---

1. *Na casa geral.* No período de verão, o Conselho Superior, durante os dias movimentados da transferência da Casa Geral de Turim para Roma, suspendeu as reuniões plenárias a fim de permitir aos Superiores regionais que fizessem as visitas programadas para as Inspetorias.

Os outros Superiores que ficaram na Casa Geral, junto com o Reitor-Mor, trabalharam na nomeação dos superiores locais (Inspetores e Conselheiros Inspetoriais). Analisaram as designações feitas pelos irmãos (como é sabido as nomeações dos superiores locais são feitas ou aprovadas pelo Reitor Mor com seu Conselho, mas em base das indicações alcançadas “através de uma oportuna consulta realizada entre todos os irmãos da Inspetoria”), e resultou que em quase todas as Inspetorias foi inserido entre os Conselheiros Inspetoriais um Coadjutor.

O Conselho Superior continuou ainda a ocupar-se da reorganização dos vários secretariados que formam a Casa Geral. Também essa tarefa não foi tão fácil; a passagem de Turim para Roma, realizada sob o impulso inovador do Capítulo Geral Especial, exigiu não só um deslocamento material de homens e coisas, mas sobretudo um trabalho de repensamento e reestruturação.

Os quadros da nova Casa Geral não estão ainda definidos em cada particular, mas para informação dos irmãos apresentamos um prospecto na secção Documentos destes Atos.

2. *Encontros vários com os irmãos.* O período de verão ofereceu aos Superiores que ficaram em Roma muitas ocasiões de encontros com a família salesiana, em circunstâncias também de relevo.

O Reitor-Mor no dia 5 de agosto tomou parte em Mornese da celebração pelo centenário das Filhas de Maria Auxiliadora. Em setembro recebeu as profissões dos noviços de Monte Oliveto e de Pacognano, e esteve presente à abertura dos CIE da Inspetoria Meridional e do Vêneto-Oeste. No dia primeiro de outubro participou da cerimô-

nia de “Adeus dos missionários” que partiam de Turim-Valdocco, e no dia 9 de outubro abriu em Roma o ano acadêmico do PAS.

Padre *Scrive* foi a Portugal na ocasião da abertura do Capítulo Inspetorial, e Padre *Viganó* foi a Cison di Valmarino para o da Inspetoria Vêneto-Este.

Padre *Castillo* pregou os Exercícios espirituais no Equador, e abriu o CIE Venezuelano.

Padre *Raineri* presidiu em Lisboa à reunião dos Delegados dos Cooperadores da Península Ibérica que prepararam uma “semana de estudos” sobre a espiritualidade do Cooperador salesiano; em Roma a “Comissão para a revisão do Estatuto dos Ex-Alunos”, e em Lugano o “Conselho nacional italiano” dos Ex-Alunos. Presidiu também ao encerramento do CIE lígure, e agora organiza a celebração para a beatificação do Padre Rua.

Padre *Tohill* visitou as Procuradorias missionárias de New Rochelle e de Bonn; em setembro dirigiu o “Curso de preparação” para os futuros missionários, e depois os acompanhou a Turim para a função do Adeus.

3. *As visitas dos Superiores regionais às suas Inspetorias.* No dia dez de outubro concluíram-se as visitas dos Superiores regionais às Inspetorias. Essas visitas tinham três finalidades principais: primeira, o encontro com os Inspetores e Conselhos Inspetoriais a fim de colher dados sobre o “status” atual das Inspetorias; segunda, o encontro com as comissões preparatórias e capitulares dos CIE, para resolver eventuais dificuldades e garantir o desenvolvimento regular dos mesmos Capítulos; e terceira, encontro com o pessoal das casas de formação.

Padre *Fiora* esteve presente nas várias Inspetorias também na ocasião dos cursos dos Exercícios espirituais, e visitou os *campos de escola* de férias de orientação vocacional. Esteve em Mornese para a celebração centenária das FMA e no Encontro dos Ex-Alunos do Lugano. Agora está organizando com o Padre *Raineri* as comemorações para a Beatificação do Padre Rua.

Padre *Ter Schure* visitou as várias Inspetorias européias da sua região. Entre outras coisas preocupou-se do problema, hoje urgente, dos imigrados para a Alemanha, Suíça e Suécia, estudando com os irmãos a maneira para uma intervenção eficaz.

Padre *Mélida* presidiu a muitas reuniões com os Inspetores. Reuniu também uma representação de Coadjuutores de toda a Espanha, e

delegados para as escolas, os responsáveis dos Aspirantes, e os peritos encarregados de redigir o novo manual-guia para as práticas de piedade. Em Bilbao tratou com os Capitulares da Inspeção do problema das relações entre as Congregações e o movimento juvenil Adsis. Dedicou em seguida o mês de setembro à leitura e comentário, com os Conselhos Inspeccionais, das deliberações dos CIE já terminados.

Padre *Williams* depois de uma breve parada na Inglaterra e Irlanda, demorou-se em seguida nos Estados Unidos e Canadá. Depois na Austrália, Filipinas, Japão, Coreia, Hong Kong, Vietnã, Tailândia, Birmânia e Índia. Em Hong Kong falou aos irmãos sobre o CIE, em Madraça reuniu os Inspectores da Conferência inspeccional indiana. Nas Filipinas foi testemunha do violento nubifragio (28 dias de chuva ininterrupta) que atingiu o país causando muitas vítimas e danos. Algumas casas salesianas ficaram isoladas por algum tempo, mas não se lamentaram outras conseqüências.

Padre *Henriquez* visitou as suas doze Inspeccions situadas em 18 países diferentes, e na Bolívia demorou-se em cada comunidade. Pôde salientar na sua região três linhas de renovação: a reconstrução do setor vocacional (depois das incertezas que acompanharam as experiências de novos métodos); um evidente progresso na linha da comunidade (a vida comum aprofundada, e um conseqüente maior dinamismo pastoral); enfim a orientação apostólica mais dirigida para o jovem pobre.

Padre *Vecchi* ocupou-se demoradamente na constituição das duas Conferências Inspeccionais da sua região, a argentina e a brasileira. Cumpriu a visita extra-ordinária da Inspeccion de Córdoba (Argentina) e interessou-se de problemas particulares locais. Realizou também uma visita cuidada às Inspeccions do Uruguai, Paraguai, São Paulo e Recife.

4. *Depois da volta.* Com a volta dos Superiores regionais, o Conselho superior retoma as reuniões plenárias. A ordem do dia, entre outras coisas, é o exame com empenho dos documentos de todos os Capítulos inspeccionais para a sua aprovação.

## V. DOCUMENTOS

---

### 1. A nova disciplina referente às Ordens Menores e do Diaconado

*No dia 15 de agosto de 1972 Paulo VI emanou duas "Cartas Apostólicas" com as quais promulga a nova disciplina referente às Ordens menores e ao Diaconado.*

*A presente tradução dos dois documentos foi publicada na edição portuguesa do "Osservatore Romano" do dia 17 de setembro passado.*

*a) "MINISTERIA QUAEDAM": Carta Apostólica na forma de Motu Proprio, pela qual é reformada na Igreja Latina a disciplina relativa à Primeira Tonsura, às Ordens Menores e ao Subdiaconado.*

A Igreja instituiu, já em tempos antiquíssimos, alguns ministérios, com o fim de render a Deus o devido culto e de prestar serviços ao Povo de Deus, segundo as suas necessidades; com esses ministérios eram confiadas aos fiéis funções da liturgia sagrada e do exercício da caridade, que eles deviam exercer, em conformidade com as diversas circunstâncias. A colocação destes encargos fazia-se muitas vezes, com um rito especial, em virtude do qual o fiel, mediante uma bênção implorada de Deus, ficava constituído numa classe ou grau determinado, para desempenhar algum ofício eclesiástico.

Alguns de entre estes ofícios, mais intimamente relacionados com a atividade litúrgica pouco a pouco passaram a ser considerados instituições prévias à recepção das Ordens sacras; foi assim que o Ostiariado, o Leitorado, o Exorcistado e o Acolitado começaram a ser denominados, na Igreja Latina Ordens menores, em relação ao Subdiaconado, Diaconado e Presbiterado, que foram chamados Ordens maiores: além disso, estes encargos eram reservados, geralmente, àqueles que por meio deles, ascendiam ao Sacerdócio, embora este fato não se verificasse em toda a parte.

No entanto, dado que essas Ordens menores não foram sempre as mesmas e que muitas das funções a elas anexas, na realidade, foram igualmente desempenhadas por simples leigos — como aliás ainda agora acontece —, parece oportuno rever esta disciplina e adaptá-la às exigências dos nossos tempos; e isso para que possa ser posto de parte o que nestes ministérios é obsoleto, mantido o que continua a demonstrar-se útil; introduzido o que parecer necessário; e estabeleci-

do, ao mesmo tempo, o que deve ser exigido dos candidatos às Ordens sacras.

Durante a preparação do II Concílio Ecuménico do Vaticano, não poucos pastores da Igreja pediram que as Ordens menores e o Subdiaconado fossem objeto de uma revisão. O concílio, embora nada tivesse estabelecido para a Igreja Latina nesta matéria, enunciou, entretanto, alguns princípios orientadores, com os quais se abriu o caminho para esclarecer a questão; e não há dúvida que as normas conciliares sobre a renovação geral e ordenada da Liturgia (1) compreendem também aquilo que se refere aos ministérios na assembléa litúrgica; deste modo, através do próprio ordenamento da celebração, a Igreja aparece estruturada nas suas diversas ordens e ministérios (2). Por isso, o mesmo II Concílio do Vaticano prescreveu que *“nas celebrações litúrgicas, se limite cada um, ministro ou simples fiel, a fazer tudo e só o que é da sua competência, segundo a natureza do rito e as leis litúrgicas”* (3).

Com esta afirmação está intimamente relacionado aquilo que, um pouco antes, está exarado na mesma Constituição conciliar: *“É desejo ardente da Santa Igreja que os fiéis cheguem àquela plena, consciente e ativa participação na celebração litúrgica que a própria natureza da Liturgia exige, e que é, por força do Batismo, um direito e um dever do povo cristão, “raça escolhida, sacerdócio real, nação santa e povo adquirido” (1 Ped., 2, 9; cfr. 2, 4-5). Na reforma e incremento da Sagrada Liturgia, deve dar-se a maior atenção a esta plena e activa participação dos fiéis, porque ela é a primeira e necessária fonte onde eles podem ir beber o espírito genuinamente cristão. Esta é a razão que deve levar os pastores de almas a procurarem-na com o máximo empenho, através da devida educação”* (4).

Entre as funções peculiares a manter e a adaptar às exigências do nosso tempo encontram-se aquelas que estão particularmente relacionadas com os ministérios da Palavra e do Altar, de um modo mais íntimo, e que são denominadas, na Igreja Latina, Leitorado, Acolitado e Subdiaconado. Convém que estas funções sejam mantidas e adaptadas de tal maneira que, a partir de agora, passem a ser consideradas

---

(1) Cfr. Const. sobre a Sagrada Liturgia *Sacrosanctum Concilium*, n. 62: AAS 56, 1964 p. 117: cfr. também n. 21: *loc. cit.*, pp. 105-106.

(2) Cfr. *Ordo Missae, Institutio Generalis Missalis Romani*. n. 58, ed. typ. 1969, p. 29.

(3) Const. sobre a Sagrada Liturgia *Sacrosanctum Concilium*, n. 28: AAS 56, 1964, p. 107.

(4) *Ibid.*, n. 14: *loc. cit.*, p. 104

como dois officios apenas; ou seja: o de Leitor e o de Acólito, os quais passam a englobar também as funções até aqui desempenhadas pelo Subdiácono.

Além desses officios comuns na Igreja Latina nada impede que as Conferências Episcopais solicitem outros ainda, à Sé Apostólica, quando julgarem que é necessária ou muito útil a instituição dos mesmos na própria região, por motivos peculiares. Estão neste caso, por exemplo, as funções de Ostiário, de Exorcista e de Catequista (5), bem como outros encargos que devam ser confiados àqueles que se dedicam a obras de caridade, onde este ministério não tenha sido confiado aos Diáconos.

É mais conforme com a realidade das coisas e com a mentalidade hodierna que estes ministérios já não se chamem, doravante, Ordens menores; igualmente que o ato de os conferir não se designe por "ordenação", mas por "instituição"; e, ainda, que, pròpriamente, passem a ser clérigos, e como tais considerados, apenas aqueles que já receberam o Diaconado. Deste modo, aparecerá com maior nitidez a distinção entre clérigos e leigos, e entre aquilo que é próprio e reservado aos clérigos, e aquilo que pode ser confiado aos leigos; além disso, ficará mais evidenciada também a relação mútua entre as duas categorias, na medida em que "o sacerdócio comum dos fiéis e o sacerdócio ministerial ou hierárquico, se bem que sejam diferentes essencialmente e não apenas em grau, estão ordenados um para o outro; ambos participam, na verdade, cada um a seu modo, do sacerdócio único de Cristo" (6).

Portanto, ponderados atentamente todos os aspectos da questão, e após ter sido solicitado o parecer dos peritos na matéria e terem sido consultadas as Conferências Episcopais e consideradas as suas opiniões, e depois de deliberação comum com os nossos Veneráveis Irmãos membros das Sagradas Congregações competentes, com a nossa Autoridade Apostólica, havemos por bem decretar, derogadas — se e na medida em que for necessário — as prescrições do Código de Direito Canônico, até agora vigentes, as normas que seguem e que promulgamos com esta Carta.

I. A Primeira Tonsura, daqui por diante, deixa de ser conferida; a entrada no estado clerical passa a estar ligada com o Diaconado.

---

(5) Cfr. Decr. *Ad Gentes*. n. 15: AAS 58, 1966, p. 965; *ibid.*, n. 17: *loc. cit.*, pp. 967-968.

(6) Const. *Dogm Lumen Gentium*, n. 10: AAS 57, 1965, p. 14.

II. Aquelas funções que até agora se chamavam Ordens menores, para o futuro devem ser designadas como “Mistérios”.

III. Os Mistérios podem ser conferidos também aos fiéis leigos, de tal modo que já não devem ser considerados como reservados aos candidatos ao sacramento da Ordem.

IV. Os Mistérios que devem ser mantidos, em toda a Igreja Latina, e adaptados às necessidades do nosso tempo, são dois; ou seja: o de Leitor e o de Acólito. Por isso, aquelas funções que até agora eram confiadas ao Subdiácono passam a ser desempenhadas pelo Leitor e pelo Acólito; por conseguinte na Igreja Latina, a Ordem maior de Subdiaconado doravante deixa de existir. Nada impede, todavia, que a juízo da respetiva Conferência Episcopal, nalguns lugares, o Acólito possa também ser chamado Subdiácono.

V. O Leitor é constituído para a função que lhe é própria: ler a Palavra de Deus, nas assembléias litúrgicas. Por isso mesmo, na Missa e nos outros atos sagrados será ele a fazer as leituras da Sagrada Escritura (à excepção porém do Evangelho); na falta do salmista, será ele também a recitar o salmo entre as leituras; ademais, será ele a apresentar as intenções da oração universal dos fiéis, quando não houver diácono ou cantor à disposição. Cabe-lhe, ainda: dirigir o canto e orientar a participação do povo fiel; e instruir os fiéis para uma recepção digna dos Sacramentos. Poderá além disto, na medida em que for necessário, ocupar-se da preparação de outros fiéis, os quais, por encargo temporário, devam ler a Sagrada Escritura nos atos sagrados.

Assim, o Leitor, para poder desempenhar estas tarefas, cada vez com maior aptidão e perfeição, procure meditar, com assiduidade, a Sagrada Escritura. Depois, com o sentido da responsabilidade do ofício recebido, há-de ter o cuidado de aplicar-se e de lançar mão de todos os meios oportunos, para alcançar mais plenamente e cada dia desenvolver o conhecimento e o suave e vivo amor da Escritura Sagrada (7), de modo que venha a ser um discípulo mais perfeito do Senhor.

VI. O Acólito é constituído para ajudar o Diácono e servir ao Sacerdote. É sua tarefa, portanto: cuidar do serviço do altar: auxiliar o Diácono e o Sacerdote nos atos litúrgicos, sobretudo na celebração da Santa Missa; distribuir como ministro extraordinário, a Sagrada

---

(7) Cfr. Const. sobre a Sagrada Liturgia *Sacrosanctum Concilium* n. 24: AAS 56, 1964, p. 107; Const. Dogm. *Dei Verbum*, n. 25: AAS 58, 1966, p. 829.

Comunhão, nos seguintes casos: todas as vezes que os ministros de que se trata no cân. 845 do Código de Direito Canônico faltarem ou não o puderem fazer, por motivo de doença, de idade avançada ou de exigências do ministério pastoral; todas as vezes que o número dos fiéis que se aproximam da Sagrada Mesa for tão elevado que possa vir a ocasionar uma demora demasiada da Missa. Pode-lhe ser confiado ainda, em circunstâncias extraordinárias, o encargo de expor publicamente o Santíssimo Sacramento à adoração dos fiéis, e, depois, o de fazer a respectiva reposição; não pode, porém, dar a bênção ao povo. Na medida em que for necessário, poderá ele também cuidar da instrução de outros fiéis, que, por um encargo temporário, devam ajudar o Diácono ou o Sacerdote nos atos litúrgicos — transportando o missal, a cruz, as velas, etc., ou exercendo outras funções deste tipo.

O Acólito desempenhar-se-á tanto mais dignamente destes encargos, se tiver o cuidado de participar na Santíssima Eucaristia, cada vez com uma piedade mais ardente, de alimentar-se dela e de procurar alcançar um conhecimento da mesma sempre mais profundo. Depois, destinado como é, de modo particular, para o serviço do altar, há-de procurar obter todas aquelas noções que dizem respeito ao culto divino e compreender o seu significado íntimo e espiritual, de modo que se ofereça cada dia a si próprio completamente a Deus e, ao mesmo tempo, possa ser para todos de bom exemplo, pela sua atitude grave e respeitosa, no templo sagrado. Por fim, deve ter a preocupação de se mostrar presente, com amor sincero, no Corpo Místico de Cristo ou Povo de Deus, sobretudo junto dos fracos e dos doentes.

VII. A instituição de Leitor e de Acólito, em conformidade com a venerável tradição da Igreja, é reservada aos varões.

VIII. Para que alguém possa ser admitido aos Ministérios, é exigido o seguinte:

a) o requerimento, livremente escrito e assinado pelo aspirante, que há-de ser apresentado ao Ordinário (que é o Bispo e, no caso de institutos de perfeição clericais, o Superior Maior), a quem compete a aceitação;

b) a idade conveniente e os dotes peculiares, que devem ser determinados pela Conferência Episcopal;

c) a vontade firme de servir fielmente a Deus e ao povo cristão.

IX. Os Ministérios serão conferidos pelo Ordinário (que é o Bispo e, no caso de institutos de perfeição clericais, o Superior Maior), com o rito litúrgico “De Institutione Lectoris”, ou “De Institutione Acolythi”, reconhecido pela Sé Apostólica.

X. Devem ser respeitados os interstícios, estabelecidos pela Santa Sé ou pelas Conferências Episcopais, entre a colação do Ministério de Leitor e a do de Acólita, quando às mesmas pessoas se conferir mais do que um desses Ministérios.

XI. Os candidatos ao Diaconado e ao Presbiterado devem receber os Ministérios de Leitor e de Acólito, a não ser que já o tenham feito; e, por um período de tempo conveniente, devem exercitá-los, para melhor se disporem para o futuro serviço da Palavra e do Altar. A dispensa de receber os Ministérios, para os mesmos candidatos, é reservada à Santa Sé.

XII. A colação dos Ministérios não confere o direito à sustentação ou a uma remuneração, por parte da Igreja.

XIII. O rito da instituição de Leitor e de Acólito será proximamente publicado, pelo competente Organismo da Cúria Romana.

Estas normas entram em vigor a partir do dia 1 do mês de Janeiro do ano de 1973.

Tudo quanto decretamos com a presente Carta, sob a forma de “*Motu Proprio*”, ordenamos que seja tido como estável e confirmado, não obstante quaisquer disposições em contrário.

Dada em Roma, junto de São Pedro, no dia 15 de Agosto. Festa da Assunção da Bem-Aventurada Virgem Maria, do ano de 1972, décimo do Nosso Pontificado.

PAULO VI

b) “*AD PASCENDUM*”: *Carta Apostólica na forma de Motu Proprio, pela qual são estatuídas algumas normas relativas à Ordem Sacra do Diaconado.*

Para apascentar o Povo de Deus e aumentá-lo cada vez mais, Cristo Senhor instituiu na Igreja diversos ministérios, ordenados para o bem de todo o seu Corpo (1).

Entre esses ministérios, já desde o tempo dos Apóstolos salienta-se e aparece com particular relevo o Diaconado, o qual foi tido sempre

---

(1) Cfr. II Conc. do Vat., Const. Dogm. *Lumen Gentium*, n. 18: AAS 57, 1965, pp. 21-22.

em grande estima na Igreja. Isto é atestado, explicitamente, pelo Apóstolo São Paulo, tanto na Epístola aos Filipenses, em que dirige uma saudação não só aos Bispos, mas também aos Diáconos (2), como numa Epístola endereçada a Timóteo, na qual ilustra as qualidades e as virtudes que são indispensáveis aos Diáconos, para que possam demonstrar-se à altura do ministério que lhes foi confiado (3).

Depois, os antigos escritores da Igreja, ao enaltecerem a dignidade dos Diáconos, não deixam de exaltar os dotes de espírito e as virtudes que deles são requeridas, para o bom desempenho do mesmo ministério, ou seja: a fidelidade a Cristo, a integridade moral e a submissão ao Bispo.

Santo Inácio de Antioquia afirma claramente que o ofício de Diácono não é outra coisa senão o *ministério de Jesus Cristo*, o qual antes de todos os séculos estava junto do Pai, até que por fim se nos manifestou (4); e acrescenta esta advertência: *É necessário, pois, que também os Diáconos, que são ministros dos mistérios de Jesus Cristo, agradem a todos de todos os modos. Eles, efetivamente, não são apenas Diáconos dos alimentos e das bebidas, mas ministros da Igreja de Deus* (5).

São Policarpo de Esmirna, por sua vez, exorta os diáconos a serem *sóbrios em tudo misericordiosos, diligentes e, no seu comportamento, a caminharem segundo a verdade do Senhor, o qual se fez servo de todos* (6). Depois, o autor da obra denominada "Didascália dos Apóstolos", ao recordar as palavras de Cristo "quem entre vós quiser ser o primeiro, seja o servo de todos" (7), dirige aos Diáconos a seguinte exortação fraterna: *Assim, pois, importa que também vós, Diáconos, façais do mesmo modo; pelo que, se a necessidade vos vier a colocar na situação de dever dar até a própria vida pelo vosso irmão, no exercício do vosso ministério, a deis... Se, portanto, o Senhor do céu e da terra se fez nosso servidor e tudo sofreu e suportou por nós, dado que somos seus imitadores e nos coube em sorte*

---

(2) Cfr. Flp. 1, 1.

(3) Cfr. 1 Tim., 3, 8-13.

(4) *Ad Magnestos*, VI, 1: *Patres Apostolici*. ed. F. X. Funk, I Tubingen 1901, p. 235.

(5) *Ad Trallianos*, II, 3: *Patres Apostolici*. ed. F. X. Funk, I Tubingen 1901, p. 245.

(6) *Epist. ad Philippenses* V, 2: *Patres Apostolici*, ed. F. X. Funk. I Tubingen 1901, pp. 301-303.

(7) Mt., 20, 26-27.

o próprio lugar de Cristo, não deveremos nós, ainda mais, fazer isso pelos irmãos? (8).

Além disto, os autores dos primeiros séculos da Igreja, ao inculcarem a importância do ministério dos Diáconos, explicam abundantemente os múltiplos e graves encargos que lhes foram confiados; e declaram abertamente quanto prestígio eles alcançaram junto das comunidades cristãs e quanto eles contribuíram para o apostolado. O Diácono é definido como o *ouvido, a boca, o coração e a alma do Bispo* (9). O Diácono, dize-se, está à disposição do Bispo, para servir a todo o Povo de Deus e assumir o cuidado dos doentes e dos pobres (10); com justeza e com fundamento, portanto, ele é chamado o *amigo dos órfãos, o amigo dos que cultivam a piedade, o amigo das viúvas, fervente no espírito, o amigo das coisas que são boas* (11). É-lhe confiada, ainda, a incumbência de levar aos doentes retidos em casa a Sagrada Eucaristia (12), de administrar o Baptismo (13) e de ocupar-se da pregação da Palavra de Deus, segundo o desejo e a vontade expressa do Bispo.

Por estes motivos, o Diaconado floresceu na Igreja, de maneira admirável; e, ao mesmo tempo, ofereceu um testemunho magnífico de amor a Cristo e aos irmãos, na realização de obras de caridade (14), na celebração dos ritos sagrados (15) e no desempenho de tarefas pastorais (16).

Aqueles que haveriam de tornar-se presbíteros, exatamente ao exercerem as funções diaconais, deviam dar boas provas de si mes-

---

(8) *Didascalia Apostolorum*, III, 13, 2-4. *Didascalia et Constitutiones Apostolorum*. ed. F. X. Funk. I, Paderborn 1906, p. 214.

(9) *Didascalia Apostolorum*, II, 44, 4: ed. F. X. Funk. I, Paderborn 1906, p. 138.

(10) Cfr. *Traditio Apostolica*, 39 e 34: *La Tradition Apostolique de Saint Hippolyte. Essai de reconstitution*, par B. Botte. Münster 1963, pp. 87 e 81.

(11) *Testamentum D. N. Jesu Christi*, I, 38: ed. e trad. latina de I. E. Rahmani Mainz 1899, p. 93.

(12) Cfr. S. Iustini, *Apotogia* I, 65, 5 e 67, 5; S. Iustini, *Apologiae duae*; ed. G. Rauschen. Bonn 1911, pp. 107 e 111.

(13) Cfr. Tertuliani. *De Baptismo*, XVII, I: *Corpus Christianorum, I Tertulliani Opera*, pars I. Turnholt 1954, p. 291.

(14) Cfr. *Didascalia Apostolorum*, II, 31, 2: ed. F. X. Funk. I. Paderborn 1906. p. 112; cfr. *Testamentum D. N. Jesu Christi*, I. 31: ed. e trad. latina de I. E. Rahmani Mainz 1899, p. 75.

(15) Cfr. *Didascalia Apostolorum*, II, 57, 6; 58, I: ed. F. X. Funk, I. Paderborn 1906, pp. 162 e 166.

(16) Cfr. S. Cypriani, *Epistolae* XV e XVI; ed. G. Hartel. Viena 1871, pp. 513-520; cfr. S. Augustini, *De catechizandis rudibus*, I, cap. I, 1: P. L., 40, 308-310.

mos e demonstrar, com os méritos dos seus trabalhos, que iam adquirindo aquela preparação que deles era exigida, para alcançarem a dignidade sacerdotal e desempenharem as funções pastorais.

Com o andar dos tempos, porém, verificaram-se mudanças na disciplina relativa a esta Ordem sacra. Tornou-se mais rígida, efetivamente a proibição de conferir as ordenações “per saltum” isto é, omitindo os graus intermédios; assim, pouco a pouco, decresceu o número daqueles que, em vez de ascender a um grau mais elevado, preferiam permanecer Diáconos durante toda a vida. Por isso, aconteceu que, na Igreja Latina, desapareceu quase completamente o Diaconado permanente. Vem ao caso acenar apenas àquilo que foi estabelecido pelo Concílio de Trento o qual se tinha proposto restaurar as Ordens sacras segundo a sua natureza própria, enquanto funções originárias na Igreja (17): foi muito mais tarde, contudo, que maturou a idéia de restaurar esta importante Ordem sacra, como um grau verdadeiramente permanente. A questão fez alusão, de passagem e por alto, o nosso Predecessor de feliz memória, Pio XII (18). O II Concílio do Vaticano, finalmente anuiu aos desejos e aos pedidos para que o Diaconado permanente, onde isso viesse a contribuir para o bem das almas, fosse restaurado, como Ordem intermédia entre os graus superiores da Hierarquia eclesiástica e o resto do Povo de Deus, para ser como que intérprete das necessidades e aspirações das comunidades cristãs, animador do serviço, ou seja, da *diaconia* da Igreja junto das comunidades cristãs locais, e sinal ou sacramento do próprio Cristo Senhor *que não veio para ser servido, mas para servir* (19).

Durante a terceira Sessão do Concílio, portanto no mês de Outubro de 1964, os Padres confirmaram o princípio da renovação do Diaconado permanente; e no mês de Novembro seguinte, foi promulgada a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, na qual, precisamente no número 29, se descrevem os traços principais, próprios daquele estado. *Num grau inferior da Hierarquia estão os Diáconos, que recebem a imposição das mãos, “não para o sacerdócio, mas para o ministério”. Assim confortados com a graça sacramental servem o Povo de Deus nos ministérios da Liturgia, da Palavra e da Caridade, em comunhão com o Bispo e o seu Presbitério* (20).

---

(17) Sessio XXIII, cap. I-IV: Mansi, XXXIII, coll. 138-140.

(18) *Alocução aos participantes no II Congresso Internacional sobre o Apostolado dos Leigos*. 5 de Outubro de 1957: AAS 49, 1957, p. 925.

(19) Cfr. Mt., 20, 28.

(20) AAS 57, 1965, p. 36.

A propósito da estabilidade no grau diaconal a mesma Constituição declara ainda o seguinte: *Tendo em conta que, segundo a disciplina atualmente em vigor na Igreja Latina, em várias regiões só dificilmente se chegam a desempenhar estas funções (dos Diáconos) tão necessárias para a vida da Igreja, daqui em diante poderá o Diaconado ser restabelecido como grau próprio e permanente na Hierarquia* (21).

Está restauração do Diaconado permanente no entanto exigia: por um lado, um aprofundamento diligente das directrizes do Concílio, e por outro um acurado exame da condição jurídica do Diácono, tanto do celibatário como do casado. Ao mesmo tempo impunha-se que os elementos relativos ao Diaconado daqueles que virão a ser sacerdotes fossem adaptados às condições do nosso tempo, a fim de o período do mesmo Diaconado poder fornecer aquelas provas de vida digna, de maturidade e de aptidões para o ministério sacerdotal, que a antiga disciplina requeria dos candidatos ao Sacerdócio.

Por estes motivos, publicámos, a 18 de Junho de 1967, a Carta Apostólica, sob a forma de "Motu Proprio", que começa com as palavras *Sacrum Diaconatus Ordinem*, com a qual foram estabelecidas as convenientes normas canónicas acerca do Diaconado permanente (22). E, no dia 17 de Junho do ano seguinte, com a Constituição Apostólica *Pontificalis Romani Recognitio* (23), aprovámos o novo rito para a colação das Ordens sacras do Diaconado, do Presbiterado e do Episcopado, tendo sido então definidas a matéria e a forma da mesma ordenação.

Agora, para dar ulterior desenvolvimento a esta matéria ao promulgarmos hoje esta Carta Apostólica, que começa com as palavras *Ministéria quaedam*, julgamos ser conveniente emanar normas precisas, acerca do Diaconado; queremos, igualmente, que os candidatos ao Diaconado conheçam os ministérios que devem exercitar, antes da sagrada ordenação, bem como em que altura e de que modo devem assumir as obrigações do celibato e da oração litúrgica.

Dado que a entrada no estado clerical é diferida até à recepção do Diaconado deixa de existir o rito da Primeira Tonsura pelo qual, precedentemente o leigo se tornava clérigo. Um novo rito, porém, é introduzido, mediante o qual aqueles que aspiram ao Diaconado e ao Presbiterado manifestam publicamente a sua vontade de se entrega-

---

(21) *Ibidem*.

(22) AAS 59, 1967, pp. 697-704.

(23) AAS 69, 1968, pp. 369-373.

rem a Deus e à Igreja, para exercer a Ordem sacra; a Igreja, por sua vez, ao receber este oferecimento, escolhe-os e chama-os, a fim de eles se prepararem para a recepção da mesma Ordem sacra a que aspiram; e, desta forma, serão eles agregados regularmente entre os candidatos ao Diaconado ou ao Presbiterado.

Por uma razão particular, pois, convém que os Ministérios de Leitor e de Acólito sejam confiados àqueles que desejam consagrar-se especialmente a Deus e à Igreja, enquanto candidatos à Ordem do Diaconado ou do Presbiterado. A Igreja, na verdade, por isso mesmo que *não deixa nunca de tomar o pão da vida, da mesa tanto da Palavra de Deus quanto do Corpo de Cristo, e de o distribuir aos fiéis* (24), julga ser muito oportuno que os candidatos às Ordens sacras, quer com o estudo quer com o exercício gradual dos ministérios da Palavra e do Altar, através de um contacto íntimo, meditem nesse duplo aspeto da função sacerdotal e se familiarizem com ele. Disso resultará a autenticidade do mesmo ministério, que lhe dará também grande eficácia. Os candidatos, então aproximar-se-ão das Ordens sacras plenamente conscientes da sua vocação, ferventes de espírito, desejosos de servir ao Senhor, dispostos a perseverar na oração e generosos no prover às necessidades dos santos (25).

Portanto, ponderadas atentamente todas estas coisas, após ter sido solicitado o parecer dos peritos na matéria e terem sido consultadas as Conferências Episcopais e consideradas as suas opiniões e depois de haver deliberado juntamente com os nossos Veneráveis Irmãos que são membros das Sagradas Congregações competentes, com a nossa Autoridade Apostólica, estabelecemos as normas que seguem, derogadas — se e na medida em que for necessário — as prescrições do Código de Direito Canônico até agora vigentes; e com esta Carta Apostólica as promulgamos.

I. a) É introduzido um rito para a admissão entre os candidatos ao Diaconado e ao Presbiterado. Para que essa admissão seja regular, exige-se: o requerimento livre da parte do aspirante, escrito e assinado pelo seu próprio punho; e a aceitação dada por escrito, da parte do competente Superior em virtude da qual se realiza a escolha da parte da Igreja.

Não estão obrigados a este rito os professores nas religiões clericais, que se preparam para o Sacerdócio.

---

(24) II Conc. do Vat., Const. Dogm. *Dei Verbum*, n. 21: AAS 58, 1966, p. 827.

(25) Cfr. Rom., 12, 11-13.

b) O Superior competente para esta aceitação é o Ordinário (o Bispo e, no caso de institutos de perfeição clericais, o Superior Maior). Podem ser aceitos aqueles aspirantes que apresentam os sinais de verdadeira vocação e que, sendo imunes de defeitos psíquicos e físicos, são de bons costumes e têm intenção de dedicar a própria vida ao serviço da Igreja, para glória de Deus e para o bem das almas. É necessário que aqueles que aspiram ao Diaconado provisório tenham completado ao menos vinte anos de idade e hajam iniciado já o curso dos estudos teológicos.

c) Em virtude da aceitação, o candidato fica obrigado a ter um cuidado especial com a sua vocação e a procurar desenvolvê-la ulteriormente; e adquire o direito a dispor dos devidos auxílios espirituais, para poder cultivar essa sua vocação e conformar-se com a vontade de Deus, sem interpor condição alguma.

II. Os candidatos ao Diaconado, tanto permanente como transitório, e os candidatos ao Sacerdócio devem receber os Ministérios de Leitor e de Acolito, se o não tiverem já feito, e exercitá-los durante um período de tempo conveniente, a fim de melhor se disporem para o futuro serviço da Palavra e do Altar.

A dispensa de receber os Ministérios, para os mesmos candidatos, é reservada à Santa Sé.

III. Os ritos litúrgicos, mediante os quais se faz a admissão entre os candidatos ao Diaconado e ao Presbiterado e se conferem os Ministérios acima mencionados devem ser executados pelo Ordinário (o Bispo e, nos institutos de perfeição clericais, o Superior Maior).

IV. Sejam observados os interstícios, estabelecidos pela Santa Sé ou pelas Conferências Episcopais, entre a colação — que deverá ser feita durante o curso teológico — dos Ministérios do Leitorado e do Acolitado, bem como entre a colação do Acolitado e do Diaconado.

V. Os candidatos ao Diaconado, antes da ordenação, devem entregar ao Ordinário (o Bispo e, nos institutos de perfeição clericais, o Superior Maior) uma declaração escrita e assinada pelo seu próprio punho, em que atestem querer receber espontânea e livremente a Ordem sacra.

VI. A consagração própria do celibato, observado por causa do Reino dos Céus, assim como a obrigação deste, para os candidatos ao Sacerdócio e para os candidatos não-casados ao Diaconado, estão realmente conexas com o Diaconado. O ato público de assumir a obrigação do celibato consagrado, perante Deus e perante a Igreja deve

ser celebrado, mesmo pelos religiosos com um rito especial, que deverá preceder a ordenação diaconal. O celibato, assumido deste modo, constitui um impedimento dirimente para contrair o matrimônio.

Também os diáconos casados, quando tiverem perdido a esposa, segundo a disciplina tradicional da Igreja, são inábeis para contraírem um novo matrimônio (26).

VII. a) Os Diáconos chamados ao Sacerdócio não sejam ordenados sem terem completado primeiro o curso dos estudos, como se acha definido pelas prescrições da Santa Sé.

b) Pelo que respeita ao curso dos estudos teológicos que deve preceder a ordenação dos Diáconos permanentes, hão-de as Conferências Episcopais, tendo em conta as circunstâncias locais, emanar oportunas normas, e submetê-las, para a aprovação, à Sagrada Congregação para a Educação Católica.

VIII. Segundo a norma dos nn. 29-30 do Ordenamento Geral da Liturgia das Horas:

a) Os Diáconos chamados ao Sacerdócio, em virtude da mesma sagrada ordenação, estão obrigados a celebrar a Liturgia das Horas;

b) é sumamente conveniente que os Diáconos permanentes recitem todos os dias pelo menos uma parte da Liturgia das Horas, a ser determinada pela Conferência Episcopal.

IX. A entrada no estado clerical e a incardinação numa diocese determinada dão-se com a própria ordenação diaconal.

X. O rito da admissão entre os candidatos ao Diaconado e ao Presbiterado, bem como o da consagração própria do celibato sagrado, serão proximamente publicados pelo Organismo competente da Cúria Romana.

*Norma transitória* — Os candidatos ao sacramento da Ordem, os quais já tenham recebido a Primeira Tonsura antes da promulgação desta Carta Apostólica conservam todos os deveres, direitos e privilégios próprios dos clérigos. Aqueles que já tiverem sido admitidos à Ordem de Subdiaconado, por sua vez, estão obrigados a observar os compromissos assumidos tanto pelo que se refere ao celibato como pelo que diz respeito à Liturgia das Horas; devem no entanto, cele-

---

(26) Cfr. Paulo VI, Litt. Ap. motu prop. *Sacrum Diaconatus Ordinem*, n. 16: AAS 59, 1967, p. 701.

brar de novo o ato público de assumir, perante Deus e perante a Igreja a obrigação do celibato sagrado, com o novo rito especial, que precede a ordenação diaconal.

Tudo quanto decretámos com a presente Carta, sob a forma de *Motu Proprio*, ordenamos que seja tido como estável e confirmado, não obstante quaisquer disposições em contrário. Estabelecemos ainda que tudo isso entre em vigor a partir do dia 1 de Janeiro do ano de 1973.

Dada em Roma, junto de São Pedro, no dia 15 de Agosto. Festa da Assunção da Bem-Aventurada Virgem Maria, do ano de 1972, décimo do nosso Pontificado.

PAULO VI

## 2. Missa em honra do Bem-Aventurado Miguel Rua

*A Sagrada "Congregação para o Culto Divino" no dia 5 de outubro de 1972 aprovou o texto latino e a tradução italiana da Missa em honra do Bem-Aventurado Miguel Rua.*

### a) *Texto latino*

*Antifona ad introitum* (1 Sam. 2,35)

Suscitabo mihi sacerdotem fidelem, qui iuxta cor meum et animam meam faciet.

### *Collecta*

Deus Pater omnipotens, cuius imaginem beatus Michaël Rua sacerdos tuus in adolescentibus docuit excudendam, fac nos quaesumus tua clarescere sanctitate, ut qui ad iuventutem educandam vocamur, formam Filii tui exhibeamus ingenuam.

Qui tecum.

### *Lectio Prima*

(Vivit Dominus, et vivit anima tua, quia non derelinquam te)

*Lectio libri Regum* (2 Reg. 2,1.6-15)

Cum levare vellet Dominus Eliam per turbinem in caelum, ibant Elias et Eliseus de Galgalis. Dixitque Elias ad Eliseum: "Sed hic,

quia Dominus misit me usque ad Iordanem". Qui ait: "Vivit Dominus, et vivit anima tua, quia non derelinquam te". Ierunt igitur ambo pariter. Et quinquaginta viri de filiis prophetarum secuti sunt eos, qui et steterunt e contra longe; illi autem ambo stabant super Iordanem.

Tulitque Elias pallium suum et involvit illud et percussit aquas, quae divisae sunt in utramque partem, et transierunt ambo per siccum. Cumque transissent, Elias dixit ad Eliseum: "Postula quod vis ut faciam tibi, antequam tollar a te". Dixitque Eliseus: "Obsecro ut fiat in me duplex spiritus tuus". Qui respondit: "Rem difficilem postulasti; attanem si videris me, quando tollar a te, erit tibi quod petisti; si autem non videris, non erit".

Cumque pergerent, et incedentes sermocinarentur, ecce currus igneus et equi ignei diviserunt utrumque; et ascondit Elias per turbinem in caelum. Eliseus autem videbat et clamabat: "Pater mi, pater mi! currus Israël et auriga eius!". Et non vidit eum amplius. Apprehenditque vestimenta sua et scidit illa in duas partes. Et levavit pallium Eliae, quod ceciderat ei. Reversusque stetit super ripam Iordanis; et pallio Eliae, quod ceciderat ei, percussit aquas, et non sunt divisae; et dixit "Ubi est Deus Eliae etiam nunc?". Percussitque, aquas, et divisae sunt huc atque illuc, et transit Eliseus.

Videntes autem illii prophetarum, qui erant in Iericho e contra, dixerunt: "Requievit spiritus Eliae super Eliseum". Et venientes in occursum eius, adoraverunt eum proni in terram.

Verbum Domini.

*Psalmus responsorius* (Ps. 15,1-2,5-6,7-8,11)

R̄. Dominus pars hereditatis meae.

Conserva me, Deus, quóniam speravi in te.

Dixi Domino: "Dominus meus es tu,

bonum mihi non est sine te". R̄

Dominus pars hereditatis meae et calicis mei:

tu es qui detines sortem meam.

Funes ceciderunt mihi in praeclaris;

insuper et hereditas mea est mihi. R̄

Benedicam Dominum qui tribuit mihi intellectum;

insuper et in noctibus erudierunt me renes mei.

Proponebam Dominum in conspectu meo semper,

quoniam a dextris est mihi, non commovebor. R̄  
Notas mihi facies vias vitae,  
plenitudinem laetitiae cum vultu tuo,  
delectationes in dextera tua usque in finem. R̄.

*Lectio secunda*

(Caritas numquam excidit)

Lectio Epistolae beati Pauli apostoli ad Corinthios (1 Cor. 12,  
31-13, 8a)

Fratres: Aemulamini charismata maiora.

Et adhuc excellentiorem viam vobis demonstro.

Si linguis hominum loquar, et Angelorum, caritatem autem non habeam,  
factus sum velut aes sonans aut cymbalum tinniens.

Et si habuero prophetiam

et noverim mysteria omnia et omnem scientiam,

et si habuero omnem fidem ita ut montes transferam,

caritatem autem non habuero,

nihil sum.

Et si distribuero in cibos pauperum omnes facultates meas,

et si tradidero corpus meum ita ut ardeam,

caritatem autem non habuero,

nihil mihi prodest.

Caritas patiens est, benigna est.

Caritas non aemulatur, non agit superbe,

non inflatur, non est ambitiosa,

non quaerit quae sua sunt, non irritatur,

non cogitat malum,

non gaudet super iniquitatem, congaudet autem veritati;

omnia suffert, omnia credit, omnia sperat, omnia sustinet.

Caritas numquam excidit.

Verbum Domini.

*Alleluia et Versus ante Evangelium (Io 15,16)*

R̄. Alleluia

Ÿ. Ego vos elegi de mundo, ut eatis et fructum afferatis, et fructus vester maneat, dicit Dominus.

R̄. Alleluia.

*Evangelium*

(Veni, sequere me)

*Lectio sancti Evangelii secundum Marcum (10, 17-30)*

In illo tempore, cum egrederetur in viam, accurrens quidam et genu flexo ante eum, rogabat eum: "Magister bone, quid faciam ut vitam aeternam percipiam?".

Iesus autem dixit ei: "Quid me dicis bonum? Nemo bonus, nisi unus Deus. Praecepta nosti: "Ne occidas, ne adulteres, ne fureris, ne falsum testimonium dixeris, ne fraudem feceris, honora patrem tuum et matrem".

Ille autem dixit ei: "Magister, haec omnia conservavi a iuventute mea".

Iesus autem, intuitus eum, dilexit eum, et dixit illi: "Unum tibi deest: vade, quaecumque habes vende et da pauperibus, et habebis thesaurum in caelo; et veni, sequere me".

Qui, contristatus in hoc verbo, abiit maerens; erat enim habens possessiones multas.

Et circumpiciens Iesus ait discipulis suis: "Quam difficile qui pecunias habent in Regnum Dei introibunt!".

Discipuli autem obstupescebant in verbis eius. At Iesus rursus respondens ait illis: "Fili, quam difficile est confidentes in pecuniis in Regnum Dei introire! Facilius est camelum per foramen acus transire quam divitem in Regnum Dei".

Qui magis admirabantur dicentes ad semetipsos: "Et quis potest salvus fieri?".

Intuens illos Iesus ait: "Apud homines impossibile est, sed non apud Deum; omnia enim possibilia sunt apud Deum".

Coepit Petrus ei dicere: "Ecce nos dimisimus omnia, et secuti sumus te".

Ait Iesus: "Amen dico vobis: Nemo est qui reliquerit domum, aut fratres, aut sorores aut matrem, aut patrem, aut filios, aut agros propter me et propter Evangelium, qui non accipiat centies tantum, nunc in tempore hoc, domos et fratres et sorores et matres et filios et agros cum persecutionibus, et in saeculo futuro vitam aeternam".

Verbum Domini.

*Super oblata*

Quae tibi donamus, Domine, spiritalem nostri oblationem significant: ut quae in corpus et sanguinem Christi Filii tui mutantur, divinam nostri mutationem producant.

Per Christum.

*Antífona ad communionem (Io 17,26)*

Notum feci eis nomen tuum, et notum faciam, ut dilectio qua dilexisti me in ipsis sit.

*Post communionem*

Quos tua mensa, Domine, satiasti redde prudentia vigiles et caritate sollertes, ut in parvulis ac pauperibus ministrandis omnibus omnia esse valeamus et ineffabile largitatis tuae promere sacramentum. Per Christum.

b) *Texto portuguez.*

*Antífona para a Entrada (1 Sam 2,35)*

Farei surgir para meu serviço um sacerdote fiel segundo o meu coração e o meu desejo.

*Oração Coleta:*

Deus, Nosso Pai, o Bem-Aventurado Padre Miguel Rua, herdeiro espiritual de São João Bosco, nos ensinou a desenvolver na vida dos jovens vossa imagem divina; concedei que também em nossas vidas resplandeça a vossa santidade, assim, chamados para sermos educadores da juventude, daremos a conhecer a verdadeira face de Cristo, vosso Filho que convosco vive e reina na unidade do Espírito Santo.

*Primeira Leitura: Leitura do Livro dos Reis (2 Rs 2,1.6-15)*

“Esta passagem do Livro dos Reis conta como pousou sobre Eli-seu o Espírito de Elias, para que o seu serviço de profeta continuasse a beneficiar o povo de Deus.”

*Salmo de Meditação* — (Sl. 15, 1-2, 5-6, 7-8, 11)

Refrão: O Senhor é a minha herança!

- Guardai-me, ó Deus,  
pois em vós está o meu refúgio.  
Disse ao Senhor: “Sois vós o Senhor;  
felicidade só encontro em vós”.
- Senhor, porção da minha herança e minha taça,  
vós garantis o meu destino;  
coubeme por sorte a boa parte;  
sim, é bela a herança que me cabe!
- Bendigo o Senhor que me aconselha;  
mesmo de noite, minha consciência me adverte.  
Vivo sempre na presença do Senhor,  
se êle está ao meu lado, não vacilarei.
- Vós me ensinareis o caminho da vida;  
perfeita é a alegria em vossa presença,  
ao vosso lado, júbilo sem fim!

*Segunda Leitura* — Leitura da 1.<sup>a</sup> Carta de São Paulo Apóstolo aos Coríntios — (1 Cor. 12, 31 — 13, 8.<sup>a</sup>).

“O maior dom de Deus é a caridade. Ela é a verdadeira essência da santidade cristã; é a fôrça animadora de toda espiritualidade na Igreja.”

*Aclamação ao Evangelho*: (Jo. 15, 16)

Aleluia!

Eu vos escolhi do meio do mundo  
Para que caminheis e produzais fruto  
e o vosso fruto permaneça. Disse o Senhor.  
Aleluia!

*Terceira Leitura*: — Evangelho de Jesus Cristo, segundo Marcos — (Mc 10, 17-30).

(Cristo nos ensina quais são as exigências e qual a grandeza de seu seguimento. Para ser verdadeiros discípulos do Senhor é absolutamente indispensavel o espírito de sacrificio e de renúncia).

*Oração sobre as Oferendas:*

Senhor, colocamos sobre o vosso altar o pão e o vinho: que êles signifiquem a oferta espiritual de toda a nossa vida. Que o mesmo Espírito Santo que os mudará no Corpo e no Sangue do Vosso Filho, nos transforme também em hóstias vivas e agradáveis a Vós. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo

*Antífona para a Comunhão: (Jo. 17, 26)*

Dei-lhes a conhecer o vosso nome, e ainda hei de o fazer, para que o amor com que me amastes esteja neles.

*Oração no fim da Comunhão:*

Snhor, vós nos alimentastes fazendo-nos sentar à vossa mēsa. Tornai-nos pois vigilantes na prudência e industriosos no amor. Servindo aos pobres e aos pequenos, possamos ser tudo para todos e tornar assim manifesto o mistério indizível da vossa bondade. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

## VI. MAGISTÉRIO PONTIFÍCIO

---

### 1. "Cem anos: quantos bons exemplos e quanto trabalho!"

*Discurso feito por Paulo VI às duas mil e trezentas Filhas de Maria Auxiliadora reunidas na sala das Bênçãos no Vaticano, por ocasião do centenário do Instituto.*

O texto oficial foi editado no "Osservatore Romano" do dia 16 de julho de 1972, ed. cotidiana. A presente tradução foi tirada de uma gravação e traz em grifo os acréscimos espontâneos feitos pelo Papa durante o pronunciamento do discurso.

*Em primeiro lugar dirigimos nossa saudação à Madre Geral, desejando na sua pessoa saudar também toda esta bela, tão bela família religiosa e filhas da Igreja.*

*Mas vós sabereis adivinhar os sentimentos de alegria, de reconhecimento, de esperança, de admiração que neste momento desperta em nós vossa família religiosa. É ocioso dizer que, ao contemplar-vos, parece-nos descortinar o panorama da Igreja, espalhadas que estais hoje por todo o mundo. Alegremo-nos, portanto, em união com Nossa Senhora Auxiliadora.*

Filhas bem-amadas em Cristo, é com paternal emoção que saudamos tão numerosa e escolhida representação das Filhas de Maria Auxiliadora, vindas para trazer-nos um testemunho de sua fidelidade, de sua devoção, no ano centenário da fundação do seu — devemos dizê-lo — glorioso Instituto.

*Cada qual diga: "O Papa pensou em mim".*

*Antes mesmo de nos dirigirmos a vós aqui presentes, e de considerar o círculo imenso de irmãs que vos estão espiritualmente unidas, com o olhar voltado para este ponto, de certo modo o centro da Igreja, nosso pensamento recordou todas as outras que vos precederam. Cem anos: quantas gerações! Quantas irmãs passaram pelo vosso Instituto! Quantos exemplos, quanto trabalho, quantas fadigas, quantos méritos acumulados, quantas almas belas o Senhor fez passar por esta terra e depois chamou a Si! Terminaram sua peregrinação, já se acham na pátria celeste, onde são a coroa de Nossa Senhora.*

*A estas também enviamos nossa saudação, dizemos o nosso "requiem", para que o Senhor, caso ainda fosse necessário, conceda a todas a paz perfeita. Embora nos falem ainda os órgãos perceptíveis*

— gozamos a Comunhão dos Santos. Se nos fosse dado captar a realidade exata das coisas, uma realidade espiritual, haveríamos de nos sentir acompanhados, como que circundados por um grande, imenso exército de almas belas, almas puras, almas santas, que neste momento festejam conosco o centenário da vossa família espiritual.

*Este encontro nos faz recordar também o numeroso grupo de vossas irmãs que, em todos os continentes, humildes e generosas, gastam alegremente a própria vida pelos interesses do Reino de Deus, para auxiliar a Igreja, para ir ao encontro às necessidades das almas. Alegremente, dizíamos, salientando o que nos chamou a atenção no semblante das Filhas de Maria Auxiliadora, irradiantes de contida mas sincera alegria.*

Considerando o papel que desempenha na Igreja vossa zelosa família religiosa, um mundo de reflexões e de desejos se entrecrocavam no nosso espírito. Seria preciso, para expressá-los, não estarmos circunscritos aos limites desta breve audiência.

*Tolhidos que nos achamos pelos muitos compromissos que impõem limites à disponibilidade do nosso tempo, é com tanta maior satisfação — ainda há pouco o dizíamos — que nossa mente, nosso afeto, nosso coração se abrem para este breve encontro convosco.*

*Desejaríamos pudesse cada uma dizer: O Papa pensou em mim.*

*A Igreja se gloria com os vossos progressos.*

Queremos, porém, que nossas primeiras palavras sejam de *gratidão a Deus.*

*É justo agradecer ao Senhor que mais uma vez nos dá uma como experiência sensível de Sua presença na história e na vida da humanidade. Sois obra de Suas mãos, respondeis ao Seu designio de misericórdia e salvação. Agradeçamos juntos a dádiva deste século: obrigado, Senhor! Te Deum laudamus! pela beleza desta hora.*

*Entretanto colhemos apenas fragmentos, sombras apenas de realidade; veremos um dia como é magnífica, quanto esteja plena da sabedoria, da misericórdia, da ação e da presença de Deus a vossa existência, o fenômeno da vossa família religiosa. A Deus em primeiro lugar nosso reconhecimento, e depois a todas e a cada uma de vós nossa gratidão pelo espetáculo confortador e rico de promessas que vossa família religiosa nos oferece em data tão significativa.*

*Não ousaríamos dizer que cem anos bastam à Filha de Maria Auxiliadora! Quantos mais seriam precisos? Mil?... então será preciso*

*alcançar com nosso pensamento, com o nosso reconhecimento todas as vocações que o tempo irá trazendo, não é verdade? Vós as recebereis certamente como irmãs, como alunas e depois também como mães.*

Vemos em vós a floração ininterrupta de um ideal de caridade e de zelo.

*Todas sem dúvida sabeis bordar. Quando, depois de semanas, meses e anos até terminais um trabalho, o que acontece? Gostais de estendê-lo e brota a frase espontânea: Como está bonito! O tempo foi correndo sobre um ponto, outro mais, um pequeno desenho. Depois, em determinado momento, todo o conjunto se desdobra ante nossos olhos em toda a sua beleza, no seu significado próprio. É o que acontece agora: diante de nós está estendido o traçado da vossa história; descobrimos que, durante cem anos, foi sendo executado um desenho que é providência, que é bondade, que é amor de Deus, que é salvação das almas. Gozemos juntos!*

Reevoquemos o primeiro momento em que ele se esboçou, no distante 5 de agosto de 1872, graças a São João Bosco e a Santa Maria Mazzarello. Então, as primeiras Filhas de Maria Auxiliadora ofereceram ao Senhor suas jovens vidas e começaram seu caminho de apostolado, pelas estradas do mundo.

A pequena semente, no decorrer de cem anos, germinou e se desenvolveu de maneira prodigiosa. É hoje árvore copada que estende os ramos em todas as direções, presente em qualquer parte onde se prodigaliza o zelo ardente dos filhos de Dom Bosco. Quantos motivos para nos congratularmos convosco, filhas caríssimas! Sede benditas!

A Igreja sente-se honrada com o vosso progresso, com o vosso testemunho evangélico, com a vossa generosa dedicação apostólica.

*Sois uma palpitação de nosso coração*

É claro, porém, que a celebração de uma data tão importante para a vida do vosso Instituto não pode limitar-se à simples visão retrospectiva de um luminoso passado. *É preciso também encarar o presente. O discurso que a propósito poderíamos fazer seria bem interessante: identificar em poucas palavras os fenômenos da vida espiritual e religiosa nesta hora de contradições, de dificuldades e de tumulto na sociedade em que vivemos.*

*Seria fascinante, mas estou certo de que todos os dias vos impõem essas considerações. É vosso empenho questionar-vos a cada momento sobre o vosso dever, vosso trabalho, vossas dificuldades, a respeito das possibilidades que o Senhor vos vai oferecendo. Sabeis*

*o que de vós exige o presente, vigiais honesta e diligentemente sobre o cenário que Deus vai abrindo diante da vossa vocação.*

*Mas é preciso olhar também para a frente. Durante o trabalho, olhamos muitas vezes para além do espaço e do tempo; consideramos onde estamos, perguntamos o que faremos, indagamos a hora, que dia será amanhã... isto é, tornamo-nos todos um pouco profetas, senão na forma realmente profética expositiva, ao menos na forma interrogativa. O Senhor não somente nos autoriza mas nos estimula a ter os olhos voltados para o futuro. "Olhai, levantai a cabeça" diz o Senhor em uma de suas exortações: "levate capita vestra". Também vós levantai as cabeças e vede o porvir.*

*Não sabemos como será o futuro, mas podemos entrever quais serão as responsabilidades, as tarefas e o caminho a seguir, mesmo para os dias futuros.*

*Saberá vossa Congregação responder ao apelo da Igreja na tormentosa hora presente?*

*Cada uma responde: "Farei tudo o que puder".*

*Pensando nisto sentis certamente pulsar o coração. Que hora tremenda para a Igreja! Bem a conheceis. Se tendes algum contato com as almas — as almas jovens do nosso tempo — deveis sentir a respiração suspensa. Quem são afinal? Que geração é essa? Como é possível desconhecer nosso esforço no desejo de semear bons pensamentos, bons propósitos, lições proveitosas?*

*Resta acrescentar a tudo isso a avalanche de divertimentos, o mundo que nos circunda, a dissipação própria da nossa época. Deveis como nós estar trepidantes; podeis imaginar o estado do coração do Papa, ao deter-se para contemplar esse cenário de tormenta.*

*Estamos numa barca, sabemos que a barca da Igreja não há de sossobrar. Mas também Pedro apavorou-se no dia em que se encontrou — ele que estava no seu elemento — em meio à tempestade sobre o lago, enquanto Jesus dormia". Esse sono sempre me fez pensar: Jesus que adormece justamente na hora da tempestade e os discípulos o chamam: "Acorda, que vamos perecer"; Jesus se levanta e com gesto divino acalma o vento; faz-se "tranquillitas magna" e Ele volta-se para os discípulos: "Por que estão com medo?" como se dissesse: "Eu estou aqui. Mesmo se vocês me vêem adormecido, não devem ter receio do que se passa ao redor, porque, quem está com Cristo está com a vida, sairá vitorioso de todas as oposições, das dificuldades que possam surgir no caminho".*

Por conseguinte, saberá a vossa Congregação corresponder às expectativas da Igreja na hora tormentosa que vivemos?

*Desejaria que cada uma respondesse no silêncio do próprio coração: "Farei tudo o que puder".* Que meios usará para que a antiga vitalidade da cepa robusta, plantada pelos vossos santos Fundadores, continue a florescer em toda a plenitude?

*Não existe senão uma resposta: A Santidade*

*Só há uma palavra, minhas filhas, capaz de sintetizar a resposta que exigem essas perguntas. Não dispomos de tempo para nos alongarmos em considerações sobre os múltiplos questionamentos, as dificuldades, os problemas e as angústias do momento presente; só encontro uma resposta que possa explicar a extraordinária fecundidade do passado e assegurar infalivelmente ao vosso Instituto sua vitalidade no futuro: a santidade.*

Se fordes santas, pouco restará a fazer. Isto quer dizer que é preciso *assegurar a primazia da vida interior*, continuando embora devotadas às vossas atividades exteriores, também elas utilíssimas: obras de educação, de caridade, missionárias. Jamais deveis temer que vosso dinamismo apostólico seja por isso prejudicado, ou de qualquer forma tolhido vosso desejo de estar inteiramente a serviço do próximo.

*Estabelecem alguns contraposições: rezar é perder tempo, absorve a tensão, desvia o pensamento. Isto não é verdade.*

*Rezar é abastecer nossas almas de energia, de sentimentos elevados, de motivações sadias, de força, de inspiração; é penetrar-nos da presença do Senhor, de tal modo que nossa pobre atividade humana se torna capaz de realizar alguma coisa, ou melhor, grande coisa. Rezar significa amar a pobreza, o espírito de sacrifício, a cruz; rezar significa também, de vossa parte, um empenho todo particular para reproduzir na vossa vida os exemplos, de amor ao mesmo tempo contemplativo e ativo de Maria Santíssima.*

*Na escola de Maria*

Como desejaríamos fosse conservada entre vós, em toda a sua primitiva vitalidade, esta característica acentuadamente mariana que constitui em toda a parte a nota inconfundível da espiritualidade das Filhas de Maria Auxiliadora!

*Tendes o privilégio de pertencer a uma família religiosa que é toda de Nossa Senhora e tudo deve a Nossa Senhora.*

Vosso Instituto não é por acaso o monumento vivo que São João Bosco quis erigir a Maria SS., penhor de imperecedora gratidão pelos benefícios dela recebidos? *Não é um troféu de esperança pelos favores que exigia o desabrochar de uma obra tão complexa e difícil, diria até, paradoxalmente em desproporção com os meios de que dispunha?*

Sim, minhas filhas; enquanto souberdes aprender na escola de Nossa Senhora a dirigir tudo a Cristo, Seu divino Filho; enquanto tiverdes o olhar fixo nela — a obra-prima de Deus, o modelo ideal de toda alma consagrada, o sustentáculo de todo heroísmo apostólico — não ficará estéril no vosso Instituto aquela fonte de generosidade e dedicação, de interioridade e de fervor, de santidade e de graça, que fez de vós colaboradoras tão preciosas de Nosso Senhor Jesus Cristo, para a salvação das almas.

Eis o que a Igreja espera de vós. *Não se trata apenas de uma palavra, bem sabeis, filhas bem amadas em Cristo.*

*A Igreja espera muito de vós. Como esperou ontem, mais do que ontem, porque o sacrificio é hoje mais sentido e mais exigente. Ser religiosas, trazer o distintivo de religiosas, permanecendo em meio à juventude e em cheio nas obras, é hoje menos fácil.*

*Dificuldades sempre houve mas hoje, para nós também, como não ignorais, exige-se uma dose de generosidade e doação, uma capacidade de sofrimento, de resistência, de sofrimento, de sabedoria, bem maiores do que ontem. Porisso nós, em nome de Jesus Cristo que temos a missão de representar, embora indignamente nós vos pedimos a vossa doação, o vosso sacrificio, a vossa entrega total a Nossa Senhora, pela glória de Jesus Cristo.*

Eis o que a Igreja espera de vós: não decepcioneis sua expectativa; dai uma resposta que supere suas esperanças.

*Se fôssemos capazes de consolar o Coração de Cristo e de Nossa Senhora; capazes de dar mais do que nos é pedido — esse mais é justamente uma exigência de santidade — capazes de ultrapassar a medida comum, estaríamos à altura do que de nós espera o Senhor, mesmo quando não formula o pedido ou apenas o expressa sob a forma de conselho e não de preceito.*

*Sede sempre almas em tensão*

A nossa oração vos acompanha, *podeis estar disso certas: rezaremos por vós.* Pediremos ao Senhor, por intercessão de Maria SS., vos conceda a prêmio eterno pelo muito que até agora fizestes; que nunca

vos falte a generosidade constante no presente e uma messe sempre mais abundante de frutos do vosso apostolado no futuro.

*Quiséramos nunca vos acontecesse o que sucede às vezes a certas famílias religiosas. Que jamais baixasse o termômetro de tensão para o alto; que a capacidade de sacrificio não se atenuasse nunca; enfim, que nada lograsse diminuir o fervor do entusiasmo e da fé absoluta na própria missão. Pelo contrário, desejamos que permaneçais almas sempre em tensão, repletas de entusiastica alegria.*

*É oportuno repetir agora uma palavra do Senhor: “Optimam partem elegistis”! Escolhestes a parte melhor: guardai-a ciosamente. Convosco estará sempre nossa lembrança paterna, o nosso afeto.*

*Agora nos fazemos ainda intérpretes daqueles que não agradecem: isto é, agradecemos o bem que fizestes às almas, à Igreja, tendo em mira a glória do Reino de Deus; o bem que fizestes à sociedade em geral. Em nome de todos os que foram por vós beneficiados, nós vos dizemos: Obrigado, quediadas filhas! Sede benditas e lembrai-vos de que nada se perdeu; sim, nada se perdeu! A história passa, o tempo cancela muita coisa mas o que se faz pelo Reino de Deus fica escrito no seu Coração, tudo permanece, e um dia o encontrareis como prêmio da vossa entrega à glória do Senhor.*

*Enfim, que permaneça convosco a nossa bênção apostólica. É de coração aberto que a concedemos, desejando que ela possa chegar a toda parte onde se encontre uma Filha de Maria Auxiliadora. Pela virtude do Senhor, pela sua bondade, chegue a todos os cantos da terra esta nossa bênção: ela há de chegar a todas vós como chegará também o eco do canto que me deveis fazer ouvir: Salve Regina!*

## 2. “A tradição é força inspiradora do progresso”

*Na viagem para Udine, por ocasião do Congresso Eucarístico, no dia 16 de setembro, Paulo VI parou em Veneza, onde falou aos sacerdotes, religiosos e religiosas. O texto completo foi publicado na edição portuguesa do “Osservatore Romano”, do dia 24 de setembro de 1972.*

*Inspirando-se no lugar onde falava: a sugestiva Basílica de São Marcos, o Santo Padre a definia “densa de história”, eco das confluências de civilizações diversas, rica de sublimes expressões artísticas amadurecidas em tempos longínquos e ainda hoje eloquentes. A seguir assim continuava Paulo VI.*

... Que visão encantadora é esta, que nos é dado reconstruir na intimidade do nosso espírito, evocador de uma experiência cristã ma-

ravilhosa e secular, que ergueu, neste lugar, não só o seu monumento, mas também uma viva e original expressão própria, que congrega as gerações longínquas e as une às gerações presentes e às futuras, num idêntico e ininterrupto latejo de fé e de amor!

Queremos, pois, sublinhar a importância da tradição; exortar-vos a conservar e a alimentar o seu sentido, a respeitá-la; queremos encorajar-vos a manter a vossa confiança nela, a compreendê-la e a usá-la como força poderosa e inspiradora, como grave e responsável compromisso de ulterior desenvolvimento, de contínuo progresso (...)

*Uma corrente que não pode romper-se.*

O problema da fidelidade ao patrimônio religioso recebido não é só de hoje, embora nos nossos dias se apresente com alguma gravidade de que, segundo o nosso parecer, justifica ainda mais esta espontânea conversação. De resto, que outras palavras poderíeis, numa ocasião como esta, esperar de nós? Tendes presente a preocupação de São Paulo? “Si quis vobis evangelizaverit praeter id quod accepistis anathema sit” (1). Nesta frase, o “accipere”, o receber, indica um momento essencial da continuidade e da fecundidade da mensagem cristã, ou seja, da tradição. Confirmam-no, como sabeis, as palavras com que o Apóstolo apresentou o seu importante testemunho sobre o Mistério Eucarístico: “Ego enim accepi a Domino quod et tradidi vobis” (2). Receber e transmitir: é esta a tradição, de que São Paulo se mostra tão cioso.

Este receber do Senhor e, depois, transmitir, e este receber ainda e continuar a transmitir — com fidelidade e integralmente “depositum custodi devitans profanas vocum novitates” (3), sem o alterar, sem desviar o ouvido da verdade, sem o expor a interpretações arbitrarias, às fábulas e aos mitos de ontem e de hoje (4) —, constitui uma cadeia que não pode ser quebrada. É o dever do nosso momento histórico. Refere-se, primeiro que tudo, como é óbvio, ao conteúdo imutável da doutrina religiosa e moral da fé católica.

*Os valores religiosos e humanos da tradição*

A tradição, além disso, é portadora de muitos outros valores. Basta pensar nos que dizem respeito à disciplina eclesíastica, ao culto

---

(1) Gál., 1, 9.

(2) 1 Cor., 11, 23.

(3) 1 Tim., 6, 20.

(4) Cfr. 2 Tim., 4, 4.

e à piedade cristã, à espiritualidade e à ascese; nos que se referem à figura ou, como hoje algumas pessoas costumam dizer — deixando-se induzir, algumas vezes, por certa tendência, frequentemente inútil e perigosa, a problematizar —, à identidade do sacerdote e do religioso, que se definiu e consolidou, progressivamente, no decurso dos séculos, com base nos elementos essenciais que remontam à vontade do Senhor. Todos eles são valores experimentais, comprovados e garantidos de diversos modos, pelos ensinamentos e pelas diretrizes da Autoridade eclesiástica, pela vida dos Santos e pelo “*sensus fidelium*”. Riquíssimo e precioso é o patrimônio que está atualmente, em perigo de ser minado e disperso por certa mentalidade conformista, iconoclasta causadora de mundanismo e dessacralização. É fácil tirar, suprimir, mas não é fácil substituir, desde que se procure e se queira realmente não uma substituição qualquer, mas uma substituição que tenha um autêntico valor.

Poderíamos fazer considerações análogas em relação a não poucos valores humanos do pensamento, da arte, da vida e da convivência civil.

#### *Amor à tradição não é imobilismo*

Notai, porém que a nossa exortação não pretende ser uma “*laudatio temporis acti*”, mas o reconhecimento e a aceitação, consciente, justificada e devida, de valores que transcendem a competência humana e vencem o tempo, embora a maturação de alguns deles se tenha realizado através da história.

Reconhecer e apreciar os valores da tradição não é passividade, mas uma atitude positiva, reflexa, crítica e livre. É um modo de nos comprometermos. O respeito, o sentido e o amor pela tradição não é imobilismo. Pelo contrário requer força moral, disciplina do pensamento e dos costumes solidez, profundidade, capacidade de resistência à moda efêmera dos tempos; requer, numa palavra, personalidade; aquela personalidade, humana e cristã, de que tanto se discute, mas que não é muito fácil formar e possuir.

Devido aos valores de que é portadora, e aos compromissos que exige de nós, é óbvio que a tradição não pode deixar de ser um elemento de progresso pessoal e comunitário. Sendo uma realidade viva, tem em si mesma uma projeção no futuro. É a garantia de um crescimento orgânico; assegura uma realização, autêntica e não falaz, do progresso; garante o genuíno desenvolvimento, não só o aparente...

E, então, podemos sinceramente congratular-nos pelos esforços que também em Veneza se realizam, e encorajar aqueles que se devem

empreender, para uma equilibrada atualização, no plano da doutrina e da pastoral, com o objetivo de obter uma fé mais profunda, mais pura, mais empenhada: uma vida cristã mais intensa em todas as suas dimensões, individuais e sociais; um testemunho de vida sacerdotal e religiosa mais coerente com o Evangelho e com o exemplo de Jesus, nosso Senhor, e, portanto, mais eficaz para alcançar a salvação do homem moderno. A quantas iniciativas importantes a Igreja veneziana soube dar impulso no decurso da história, para enfrentar e resolver os problemas do tempo! Quantas e que obras realizou! E como são numerosas as fileiras dos seus Santos! Procurai, portanto adquirir força e entusiasmo para progredir, mantendo vigilante e renovando sempre a vossa capacidade criadora, e assim podereis resolver, adequada e providentemente, os problemas de hoje e de amanhã.

Ao confiar estas reflexões à vossa inteligência e à vossa boa vontade, concluímos exortando-vos a serdes fiéis, generosa e dinamicamente fiéis a Cristo, à Igreja, à vossa vocação, à vossa missão!

### 3. “Para revigorar a vida moral”

*Paulo VI nas Audiências gerais concedidas durante o verão passado pronunciou onze discursos relacionados entre si pela unidade do argumento: a vida moral do cristão.*

“Temos necessidade, afirmou, de reencontrar os princípios que devem ser o fundamento de nossa conduta”. Definiu também a natureza desses pronunciamentos: eles “tratam de temas importantes, mas em linguagem tão simples que nos reconduzem à escola evangélica, a qual reserva aos pequenos a revelação das grandes verdades do Reino de Deus”.

Eis uma seleção desses pronunciamentos.

#### A) *DISCERNIR O IMUTAVEL NOS TEMPOS QUE MUDAM*

*Discurso de Paulo VI na audiência geral do dia 5 de julho de 1972.*

**Que é a vida? Qual é a sua realidade assencial?**

Desta questão elementar, mas fundamental, nasce uma primeira resposta, que merece ser recordada: a vida é feita para a ação; não é estática, mas dinâmica; ela transforma-se, desenvolve-se, move-se, procura, deseja, trabalha, tende para algum fim. Não basta existir,

é necessário empregar a existência a fim de alcançar alguma realidade nova, maior, perfeita, boa e feliz. Se a experiência despertou em nós esta concepção da vida em busca de um objetivo, chegamos aos umbrais do problema moral, que é o problema humano por excelência. Com efeito, se a ação, que dá à vida um incremento e um significado, compromete aquilo que há de mais humano dentro de nós, ou seja, o pensamento, a vontade e, portanto, a liberdade, então o ato moral equivale ao ato humano (cfr SANTO TOMÁS DE AQUINO, S. Th., I-II, 1, 3). Esta primeira observação já constitui uma conquista, que exigiria outras reflexões. Mas é suficiente a seguinte: não podemos prescindir do valor moral da nossa vida.

*Tudo muda, o que conservar?*

E aqui nasce uma segunda observação: no mundo em que vivemos, existe, ou melhor, ainda resiste um sistema moral, capaz de imprimir na vida o seu caráter humano, o qual até agora costumámos considerar normal e autêntico? Notamos alguns aspetos gerais do nosso tempo, pelos quais a nossa vida é profundamente convulsionada. Pensemos, por exemplo, num dos aspetos mais gerais da história atual: a mudança, isto é, tudo muda. Não há recanto da nossa vida que não sofra transformações. Qualquer ciência, qualquer arte, qualquer atividade, qualquer relação social, todos os fenómenos coletivos, como, por exemplo, a escola, os transportes, a economia, a assistência sanitária e social, os quadros legislativos e políticos...; tudo muda: a mentalidade pública, os costumes,... de modo que a história do nosso tempo apresenta como características a evolução, o progresso, a revolução. Não muda também o “tipo” humano? Que resta de humano, de moral, no meio de tantas vertiginosas transformações da vida? Herdámos um património de conceitos, de valores, de tradições... Que deve ser conservado? Que deve ser mudado?

Também no campo da Igreja, guardado durante muitos séculos, quantas formas de vida, quantos hábitos, quantos valores são abalados por um processo crítico acerca da validade da sua permanência; a atualização, da qual tanto se fala, traduz-se, porventura, num conformismo, que altera não só os aspetos exteriores da vida eclesial (língua, hábito, rito, atividade...), mas também os conceitos interiores nos quais se funda (a fé, o culto, a estrutura de caridade e de disciplina)? Por um lado, todos nós advertimos que certas realidades podem e, talvez, devem ser mudadas, mas também sabemos que outras realidades são, ao mesmo tempo, tão importantes (como, por exem-

plo, a arte, a história, a tradição, o tesouro de instituições e de civilizações acumulado durante os séculos, pelo menos por seu valor próprio) e tão essenciais (como, por exemplo, a verdade divina e a constituição eclesiástica que derivou daquela, autorizada e legitimamente) que não deverão ceder a esta arrebatadora onda de transformismo, de abdições, de infidelidade, mas ser absolutamente defendidas, conservadas, reafirmadas, renovadas, no sentido interior e nas formas exteriores.

### *O novo dever do discernimento*

Encontramos-nos perante um dever novo, próprio do nosso tempo, o de discernir entre aquilo que é caduco, ou melhor, perfectível, e o que, pelo contrário, deve ser estável e fixo, até mesmo que se corra o risco de perder a vida, queremos dizer, a razão de ser inalienável e permanente. Digamo-lo imediatamente: este discernimento não poderá ser feito arbitrariamente por nós próprios. Sendo membros de um corpo social organizado e civil, importa sermos reflexivos e respeitarmos tudo aquilo que a sociedade, legitimamente estabelecida, exige de nós; surge aqui um problema de autoridade, embora não se exclua a possibilidade de haver soluções evolutivas a este propósito, o que, atualmente, as constituições civis admitem e promovem. Tudo isto impõe-se mais vigorosamente no corpo social e místico, que se chama Igreja, onde o elemento divino exige um contínuo esforço de aperfeiçoamento e, ao mesmo tempo, postula um obséquio fiel, até mesmo o heroísmo, à sua identidade dogmática e ortodoxa, tutelada e conservada, ensinada e interpretada por uma autoridade legítima, à qual, divinamente, foi confiado este serviço de caridade em favor da verdade.

Vamos concluir aqui com duas observações, ou melhor, com duas exortações.

A primeira é a seguinte: devemos tomar consciência, sem temor e sem desconfiança interior para com o nosso tempo, do fato de a Providência nos ter concedido nascer neste momento histórico, que é caracterizado — dizíamos — pela mudança, pelo progresso. Esforçemo-nos por compreender esta condição da humanidade em vias de desenvolvimento e bendigamos, com um coração sábio e aberto, as coisas boas que o esforço humano sabe oferecer à vida humana.

A segunda observação é esta: não nos deixemos levar pelas vertigens causadas pelas metamorfoses que se realizam dentro de nós;

procuremos, sim, descobrir nelas uma necessidade mais lógica de princípios superiores, que devem servir de eixo nos movimentos em que estamos empenhados, a fim de que estes não sejam destruidores, anárquicos, nem amorfos, mas representem convites e impulsos para trilharmos, no tempo, os caminhos de Deus, que nos devem conduzir para além do tempo.

### *B) A MORAL CRISTÃ CONSISTE EM VIVER SEGUNDO A FÉ*

*Discurso de Paulo VI na audiência geral do dia 26 de julho de 1972.*

O pensamento que guia, neste período, a nossa breve reflexão das audiências públicas, consiste na procura de princípios morais para a nossa vida cristã, que está exposta a muitos perigos. Prescindamos, neste momento, daqueles que se relacionam com a doutrina; limitemo-nos àqueles que insidiam e subvertem a norma moral, a vida vi-vida, e contentemo-nos com alguns princípios fundamentais e orientadores.

Apresenta-se-nos à consideração um problema complexo: a relação entre a vida natural, profana, secular, e a vida cristã. Atualmente, assistimos a um gigantesco esforço para eliminar da maneira comum de viver qualquer sinal, qualquer critério, qualquer empenho de derivação religiosa. Pretende-se, muitas vezes, também no âmbito do mundo cristão, reivindicar um domínio exclusivo e absoluto para a laicidade da conduta, especialmente nas suas formas públicas e exteriores. Existem correntes de pensamento e de ação que procuram separar a moral da teologia; a moral deveria ocupar-se apenas das relações entre os homens e da consciência pessoal da pessoa humana; no campo moral, não haveria, deste modo, nenhuma necessidade de algum dogma religioso. Dado que, legitimamente, muitas expressões do pensamento e da atividade humana (as ciências, por exemplo) devem ser governadas por critérios específicos, e até o ordenamento do Estado pode ser concebido segundo uma sã e razoável laicidade própria (conforme já declarou o nosso venerado Predecessor Pio XII — cfr. A. A. S., 1958, pág. 220), gostar-se-ia que a religião não só já não aparecesse em público, mas também que não tivesse nenhum significado inspirador e diretivo na legislação civil e nas normas práticas. Até mesmo quando se reconhece oficialmente a liberdade religiosa, esta é, com frequência, eliminada e oprimida, recorrendo, às vezes, a métodos intimidatórios e vaxatórios, que conseguem sufocar, até no interior das consciências, a livre e genuína profissão do sentimento religioso.

*Existe uma moral Cristã?*

E nós, que podemos dizer? Primeiro que tudo, recordemos a distinção, que, sem dúvida, deve ser afirmada e observada, entre a ordem temporal e a ordem espiritual, segundo a decisiva palavra do divino Mestre: “Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus” (Mt., 22, 21). Acrescentemos, porém: assim como existe um problema de relações, isto é, de distinção e de conexão, entre a fé e a razão, assim também há um problema de relações entre a fé e a moral. Este, cuja solução todos nós intuimos, a qual afirma serem tais relações muito estreitas e operantes (e, sob certos aspectos, muito mais do que a existente entre a fé e a razão, dado que, entre a fé e a moral, ou seja, entre a fé e a vida, a distância que separa os dois termos é menor), mas é um problema sempre muito delicado e complexo. Tentemos apresentar alguns princípios esclarecedores.

Existe uma moral cristã? Um modo original de viver, que se qualifica de cristã? Que é a moral cristã? Poderemos, empiricamente, defini-la como um modo de viver conforme a fé, isto é, à luz das verdades e do exemplo de Cristo, como os recebemos do Evangelho e da sua primeira irradiação apostólica, o Novo Testamento, tendo em vista, constantemente, uma sucessiva vinda de Cristo e uma nova forma da nossa existência, a assim chamada “parusia”, e sempre através de um duplo auxílio, um interior e inefável, o Espírito Santo, e outro exterior, histórico e social, mas qualificado e autorizado, isto é, o magistério eclesiástico. Vale, portanto, para nós, no seu significado exegético e na sua aplicação prática e extensiva a todo o estilo de vida cristã, a fórmula incisiva e sintética de São Paulo: “o justo vive da fé” (Rom., 1, 17; Gál., 3, 11; Flp., 3, 9; Heb., 10, 38). “A característica essencial (da ética cristã) consiste em estar ligada à fé e ao batismo” (cfr. A FEUILLET, *Les fondements de la morale chrétienne d’après l’épître aux Romains* em: *Revue Thomiste*, Julho-Setembro de 1970, págs. 357-386).

*Conservar para Deus o primeiro lugar*

Desta realidade, devemos deduzir duas conclusões muito importantes para a nossa mentalidade contemporânea. A primeira é a seguinte: a nossa concepção prática da vida deve conservar Deus, a religião, a fé, a sanidade espiritual, no primeiro lugar; e não só num primeiro lugar de honra, puramente formal ou ritual, mas também lógico e funcional. Se sou cristão — cada um deve dizer —, honrando

em mim, devidamente, este título, possuo o chave interpretativa da verdadeira vida, a máxima fortuna, o bem superior, o primeiro grau da verdadeira existência, a minha intangível dignidade, a minha inviolável liberdade. A minha posição perante Deus constitui a realidade mais preciosa e mais importante. A hierarquia dos meus deveres conserva Deus no lugar mais elevado: “Eu sou o Senhor, teu Deus” (Êx., 20, 2). Cristo repeti-lo-á: “procurai primeiro o Seu reino...” (Mt., 6, 33). A principal orientação da vida, o eixo central e diretivo do meu humanismo continua a ser o teológico. O preceito, que domina e sintetiza todos os outros, é sempre o do amor a Deus (cfr. Mt., 22, 37; Dt., 9, 5); é um preceito sublime, de nenhum modo fácil, mas que, no próprio esforço em favor da sua realização, gera o motivo e a energia para cumprir os outros preceitos inferiores, cujo primeiro e, por sua vez, o mais elevado, é o amor ao próximo, de modo que este se apresenta como prova do próprio amor a Deus (cfr. 1 Jo., 2, 9; 4, 20). Por isso, a supressão do amor a Deus, na convicção de que basta o amor ao próximo (quantos, hoje, se iludem de ter simplificado o problema moral menosprezando o seu fundamental princípio religioso e reduzindo-o a uma filantropia humanística!), compromete também a relação do autêntico amor ao homem, que facilmente deixa de ser universal, desinteressado e constante. Pode tornar-se parcial, e, portanto, princípio de luta e de ódio.

### *Religião não admite evasão*

A outra conclusão é a seguinte: o fato de reconhecer o primado do fator religioso no ordenamento operativo humano não comporta uma fuga da urgência dos deveres inerentes à justiça e ao desenvolvimento da sociedade humana, como se a observância puramente religiosa bastasse para exonerar das obrigações de solidariedade e de generosidade para com o próximo; e, ainda menos, o reconhecimento do primado religioso na moral gera um freio egoísta e irracional na positiva busca dos remédios para os males sociais, mas antes o contrário. Recordemos as severas palavras do Senhor: “Nem todo o que Me diz: Senhor, Senhor, entrará no reino dos céus, mas sim aquele que faz a vontade de Meu Pai que está nos céus” (Mt. 7, 21; cfr. Mt.. 25, 31-46); e evoquemos a expressiva frase do Apóstolo: a fé ativa a caridade (cfr. Gál., 5, 6).

Nos nossos dias, felizmente, este imperativo da justiça social, ou seja, o de tornar amplamente operante a nossa profissão cristã, o de dar à fé a sua coerente expressão na caridade, encontra-se bastante

difundido e sentido, especialmente entre os jovens; e faremos bem também nós em advertir, nos nossos corações, o estímulo e o convite, hoje pungente, da Igreja (expresso também no Concílio e no último Sínodo) em favor da promoção do advento de uma justiça maior no mundo. Deveremos prestar atenção, como dizíamos, a não privarmos a nossa benéfica atividade da sua imanente inspiração religiosa, e, além disso, cuidar para não transformarmos a religião em pretexto política ou num instrumento ao serviço de objetivos que não sejam aqueles justos e honestos do verdadeiro bem do próximo. Mas, principalmente, deveremos esforçar-nos a fim de nos educar a nós mesmos na escola de um cristianismo autêntico, orante e ativo, e de testemunhar, com a nossa coerência entre a fé e a caridade, no meio do nosso moderno mundo, quanto é verdadeiro, é humano, é transcendente o Evangelho de Cristo.

C) *OS TRÊS MOMENTOS DA VONTADE: INTENÇÃO, ESCOLHA, EXECUÇÃO*

*Discurso de Paulo VI na audiência geral do dia 23 de setembro de 1972.*

Para ser bom, para ser virtuoso, para ser santo, é preciso querer sê-lo. Para dar à própria estatura moral do homem e de cristão a sua perfeita dimensão, não basta crescer passivamente nos anos e assimilar a formação oferecida pelo ambiente em que se vive. É necessário imprimir, voluntariamente, na própria personalidade, um impulso interior e dar ao próprio temperamento uma característica específica. Não basta cumprir, de qualquer modo ou indolentemente, o dever que não se pode evitar. Não basta, igualmente, defender a liberdade de pensar e de agir, segundo o próprio arbítrio, contra eventuais ingerências indébitas ou pressões exteriores. A liberdade não deve permanecer indolente nem passiva, mas realizar as suas opções conscientes, empenhando nelas a própria vontade. A vontade é, com efeito, um fator essencial e decisivo da vida moral, ou seja, da vida verdadeiramente humana.

*A verdadeira força do homem*

Esta faculdade de agir ocupa um lugar muito importante no reino do bem. Constitui a verdadeira força do homem, a força pela qual ele tende à própria afirmação, à própria expansão, à conquista do que lhe falta, ao próprio fim, à felicidade. É a faculdade, por excelência, do amor, que, no homem, de instintivo, sensível e passional, se torna

espiritual; e que resume e realiza o cumprimento de todos os deveres, quando tende ao seu verdadeiro e sumo objeto, que é o Bem infinito e realíssimo, Deus, encontrando imediatamente, no amor ao próximo, a sua expressão, e, sob certos aspectos, indispensável (1).

É importantíssimo, principalmente durante a juventude, ter uma concepção exata da vontade na estrutura humana, e antepor o seu emprego, reto e forte, a todos os outros juízos sobre as várias experiências que a vida pode oferecer.

O anseio de viver, o desejo de agir e a capacidade de amar devem exprimir-se na “boa vontade”. Houve quem falasse, insensatamente, da “vontade de poder” (2), mas nós preferimos falar, humildemente, do poder de vontade. Devemos, porém, ter presente uma observação fundamental. A vontade é uma força dinâmica, que precisa de uma luz orientadora, que precisa da inteligência. O bem, para ser desejado e querido humanamente, deve ser conhecido. A inteligência, portanto, deve ser o farol da vontade. Uma vontade cega pode permanecer inerte, inoperosa ou, também, pode orientar-se para finalidades inúteis, falsas ou contrárias ao fim supremo e, conseqüentemente, esgotar-se em esforços vãos e até pecar, embora os erros da vontade não dependam sempre, exclusivamente, da ignorância. É necessário, portanto, que sejamos ciosos da ordenação do nosso ser espiritual. É verdade que a importância da vontade, na classificação dos valores humanos, pode superar a do pensamento especulativo; no entanto, ela depende da razão, porque é uma aspiração racional. A ideia-força define-a.

Na vida moderna, como sabeis, a apreciação da energia operativa, que é a vontade, tem prioridade em relação às reflexões filosóficas, no campo da pedagogia e do desenvolvimento do progresso civil (3). Embora defendamos a função primária do pensamento, podemos aceitar e até promover, nos seus justos limites e nas suas formas coordenadas com o desígnio global da vida e do destino humano, o voluntarismo próprio do nosso tempo, relacionando-o até com a nossa visão cristã da vida e, de certo modo, deduzindo-o desta mesma visão.

*Não se admite o ócio na escola de Cristo.*

O cristianismo, que tem na fé a sua primeira raiz, é, na sua explicitação, voluntarista. A educação cristã tende a formar espíritos

---

(1) Cfr. Jo., 4, 20.

(2) Cfr. FRIEDRICH NIETZSCHE, *Wille zur Macht*.

(3) Cfr. MAURICE BLONDEL, *L'action*.

fortes e ativos. Não se admite a preguiça; na escola de Cristo, não se aceita o ócio. Recordai, por exemplo, as parábolas evangélicas da semente, dos talentos e dos operários ociosos: “Porque ficais aqui todo o dia sem trabalhar?” (4) — diz-lhes Cristo, com as palavras do proprietário da vinha. O Senhor relaciona sempre o tempo desta vida com a exigência de uma contínua operosidade (5). Haverá quem talvez possa objetar: porventura, o Senhor não censurou Marta, inteiramente acupada com os seus múltiplos afazeres, preferindo Maria, silenciosa ouvinte, sentada aos Seus pés (6)? Por outras palavras, Marta, como todos sabem, não personifica a vida ativa, segundo os comentários tradicionais desta cena evangélica, e, Maria, a vida contemplativa, à qual se atribui um lugar primordial e intangível? Em todo o caso, a vida contemplativa não representa uma abdicação da vontade; é, pelo contrário, mais do que qualquer outra condição da vida, extremamente voluntária, exatamente devido ao empenho que exige. A vida contemplativa, que, por si, teria lições a dar à sociedade contemporânea, febril e orientada para objetivos que estão fora da interioridade humana, não é uma forma de quietismo, ou seja, de desinteresse e passividade moral, de apatia espiritual e renúncia ao uso da própria vontade (7). A vida contemplativa é uma atividade árdua e amorosa, que não está voltada para a ação prática, mas concentrada nas faculdades superiores do espírito; é um carisma particular; é uma função providencial na economia comunitária do corpo eclesial e também da sociedade profana.

### *Os tres momentos da boa vontade*

Neste momento, devendo concluir, não podemos deixar de exortar todos os que têm consciência da própria eleição cristã a refletirem sobre a importância da educação da vontade, para evitar que o resultado da vida, da vida crista, nos seja atribuído, no último dia, como falta de cumprimento das próprias responsabilidades, pelo menos por um fatal pecado de omissão; a condenação escatológica do Cristo juiz é tremenda: “Sempre que deixastes de fazer isto (o bem que convinha fazer ao próximo necessitado), foi a Mim que o deixastes de fazer” (8).

---

(4) Mt., 20, 6.

(5) Cfr. Jo., 9, 4: 5, 17; 11, 9.

(6) Cfr. Lc., 10, 41.

(7) Cfr. Condenação do quietismo na Bula “*Coelestis Pastor*”, em 1687, pelo Beato Inocêncio I; ver DS 2195 e ss.; 2181 e ss.

(8) Mt., 25, 31 e ss.; cfr. tb. 2 Ped., 2, 21.

Estamos admirados com o despertar de energias, operante e generosas para as inúmeras necessidades, que, quase com ritmo renascente e crescente, se manifestam no nosso mundo, alargado até aos confins da terra; e, de todo o coração, as encorajamos e abençoamos.

E queremos recordar os três momentos da boa vontade que individualizamos, segundo nos parece, ao folhear ainda as áureas páginas de São Tomás d'Aquino, sobre a natureza do ato voluntário. O primeiro momento diz respeito à intenção: para agir bem é necessário, primeiro que tudo, acender no espírito a reta intenção, a que desperta a vontade e a dirige para o objeto desejado, pelo fato de ser bom, em consequência do bem que representa, e esta retidão ultrapassa o próprio objeto e dirige-se para o Bem em si próprio, para o fim último, que hierarquiza sob si todo o bem honesto (9). Depois, vem o momento da escolha, da decisão, do amor, quando afinal a alma já se move com liberdade e energia, com capacidade de realizar grandes renúncias, para fazer grandes conquistas (10). E, finalmente, temos o terceiro momento, o da execução, o da ordem, da atividade prática (11), com todas as virtudes que reclama por si, as chamadas virtudes cardiais, porque é sob elas que se classificam e se organizam as operações humanas destinadas ao bem.

Ao falarmos assim, devemos notar que esquecemos, neste brevíssimo quadro, um fator operativo de importância transcendente e indispensável: a graça divina! Esta graça infunde em nós a própria capacidade "de querer e de realizar", exatamente em ordem à boa vontade (12): maravilha e mistério da vida cristã. Mas é um mar onde hoje, aqui, não podemos navegar, dada a sua vastidão. Queira o Senhor, igualmente, confortar a boa vontade em todos nós, com a Sua graça.

#### d) OS PRINCIPIOS MODELARES DA VIDA

*Discurso de Paulo VI na audiência geral do dia 30 de agosto de 1972.*

Certamente recordais o episódio do Evangelho que nos fala de um jovem, o qual se dirige a Jesus, como a um bondoso Mestre, e

---

(9) Cfr. *S. Th.*, I-II, 9, 1.

(10) Cfr. *ibid.*, 13.

(11) Cfr. *ibid.*, 16.

(12) Cfr. *Flp.*, 2, 13.

Lhe pergunta: "...que hei-de fazer de bom para alcançar a vida eterna?" (1) A pergunta deste jovem parece interpretar a voz de muitas pessoas honestas e generosas do nosso tempo, que se interrogam a si mesmas e aos outros, especialmente aos mestres da vida, e, ainda mais frequentemente, à opinião pública, assim como às correntes modernas do pensamento e dos costumes, sobre o que se deve fazer, sobre o comportamento prático a adotar, sobre o modo como se deve viver.

#### As incertezas do homem moderno

E nós, que procuramos restaurar uma interpretação autêntica da vida cristã hodierna, observamos imediatamente um fenómeno individual e social, muito digno de nota: a incerteza moral.

O homem moderno, com todas as suas conquistas, está imerso na dúvida acerca da norma moral que deveria orientar e dirigir a sua vida. Por isso, caminha ao acaso, ou como se fosse arrastado por um fluxo coletivo, seguindo as novidades que se registram no mundo do pensamento e dos costumes, que o circunda. Declara-se livre, sabe reivindicar a própria autonomia, libertando-se de certos vínculos tradicionais ou de certas imposições do ambiente, mas, ao mesmo tempo, deixa-se plasmar interiormente e manobrar exteriormente por imponderáveis fatores predominantes, que impressionam a sua experiência de um modo irresponsável e irresistível.

A vida moral, como todos sabem, relacionado-se não só com aquilo que é, mas também com aquilo que deve ser; encontra-se num estado que, pela sua própria natureza, é sempre problemático no que se refere não aos princípios, mas aos atos individuais; e a consciência, a lei e a convivência social resolvem, geralmente os problemas morais que a atividade, no seu próprio andamento, apresenta continuamente ao espírito. E, assim, a nossa vida presente está empenhada num constante esforço por superar a dúvida sobre o que se deve fazer e em procurar, para si mesma, um plano prático de ação executiva, mesmo que seja apenas momentâneo.

Podemos ainda dizer a esta incerteza constitucional do homem, perante a sua própria função operativa, se vem juntar, atualmente, outra incerteza muito mais grave, a incerteza ideológica, que põe em dúvida toda e qualquer norma moral, insinuando em muitas pessoas do nosso tempo a persuasão de que todas as regras, que até agora presidiam à atividade comum, são discutíveis e até insustentáveis e, por isso, podem e devem mudar. Estamos no tempo da "libertação",

---

(1) Mt., 19, 16.

entendida no seu sentido radical. Este movimento declara que todo o conjunto de leis, de direitos alheios e de deveres próprios perdeu o seu valor, procura inaugurar um novo estilo de vida, demolidor do precedente (aqui está a ênfatuação revolucionária), e propõe instaurar uma ordem (que seria uma desordem), na qual cada um possa fazer aquilo que lhe parece e lhe agrada, sem talvez ter consciência de que esta é a maneira mais segura para provocar o nascimento de um regime ditatorial. Já Tácito, argutamente tinha observado: “ut auctoritatem evertant libertatem praetendunt; cum everterint, libertatem ipsam aggrediuntur” (para destruir a autoridade, propugnam pela liberdade; quando tiverem destruído a autoridade, lançar-se-ão contra a própria liberdade).

Contudo, não se pode negar que, no campo operativo, hoje mais do que nunca, muitas leis mudam. É por isso que se justifica como legítima e racional a pergunta que propusemos, de um modo muito sintético: hoje, que se deve fazer, ou melhor, quais são os princípios, os critérios que devem modelar, ou seja, inspirar, transformar e empenhar a nossa atividade, para que ela seja reta, humana e cristã?

#### *A mania de tudo mudar*

A norma moral, nos seus princípios constantes, os da lei natural e também os evangélicos, não pode sofrer mudanças. Concordamos, porém, que possa admitir incertezas, quando se trata do aprofundamento especulativo daqueles princípios, ou melhor, do seu desenvolvimento lógico e das suas aplicações práticas: se assim não fosse, para que serviria estudar e em que consistiria o progresso moral?

Admitimos, também, que muitas variações podem e devem algumas vezes, ser introduzidas nas leis positivas vigentes, as quais tendem, habitualmente, à utilidade da ação, pressupondo que seja respeitada a honestidade fundamental destas variações. Porventura não falamos sempre de reformas, de atualização, de renovação, etc.? E, isto acontece, principalmente, porque as “circunstâncias”, ou seja, as condições do justo, do útil e do possível, nas quais o nosso comportamento se realiza, também são mutáveis, e hoje mais do que nunca.

Esta mutabilidade das circunstâncias é agora muito sentida. É o fato de observarmos as inúmeras mudanças que alteram e desorientam o quadro da vida tradicional é o que nos torna agitados e apressados não só em aceitar as novidades, que nos circundam por todos os lados e nos encantam, mas também em promovermos, nós próprios, novidades de todos os gêneros, e em aplaudirmos qualquer

forma de movimento, compreendido com atualidade e como progresso, até as mais audazes manifestações do génio e até as mais extravagantes exhibições do capricho invocador. Modificar, mudar, inventar, arriscar, é este o espírito da atividade moderna. Esta febre de mudar tudo parece não se aperceber da dissipação do patrimônio, muitas vezes precioso e característico, da tradição, nem da dificuldade de dar às novas expressões da vida moral a estabilidade lógica e a solidez ética e jurídica que a deveriam distinguir, assegurando-lhe uma constante duração no tempo e uma larga difusão entre os homens, como justamente exigiram a história e a civilização, de que todos queremos ser fautores.

O fenómeno da fraqueza e da decadência moral agrava-se devido às condições críticas do pensamento moderno, rebelde às formulações filosóficas do passado, e insatisfeito com as do nosso tempo; assim a nova geração repudia, juntamente com muitas outras, também a disciplina rigorosa do pensamento, e substitui-as, quaisquer que elas sejam, pela experiência, critério supérstite de verdade subjetiva, por si incapaz de indicar sólidos princípios ao comportamento humano e, até tentador e cúmplice, se for deixado a si próprio, de muitos desvios e degradações, a que só a guia da experiência conduz. Registra-se agora a tendência a deduzir, também da experiência, um estímulo e, depois, um ensinamento moral; mas que grande esforço é necessário, que incerteza de que haja alguém capaz disso! (2)

Será preciso, duma vez para sempre, que voltemos a admitir alguma certeza moral inspiradora do nosso comportamento, não como obstáculo à intensidade da ação reclamada pelo nosso tempo, mas como eixo fixo para um movimento seguro. Devemos superar o grande perigo dum relativismo infiel aos nossos salutares princípios humanos e cristãos, e servil às idéias que triunfam numa determinada época cultural e política. (Recordais o satírico e humorístico “Brinde de Girella”, de Giusti?).

Especialmente nós, que temos fé, deveríamos estar preparados para o difícil papel de distinguir, no programa da nossa atividade e da atividade alheia, aquilo que deve ser defendido e conservado, mesmo à custa de sacrifícios (os mártires quem são?), daquilo que pode ser posto de parte ou reformado. Deveríamos ter uma idéia clara da chamada “moral de situação”, observando as insídias que ela esconde quando erige o instinto subjetivo, habitualmente utilitarista, em norma moral primária do modo como se pode adaptar diversamente o pró-

---

(2) Cfr. VALORI, PAOLO, *L'esperienza morale*, 1971.

prio comportamento a esta ou àquela situação, sem levar devidamente em conta a obrigação moral objetiva e as exigências subjetivas de uma nobre coerência (3).

### *Remédios contra a incerteza moral*

Voltemos, agora, aos remédios que podem libertar-nos da incerteza moral, que hoje invade tudo, impelindo para um niilismo que, sob todos os aspetos, poderia ser catastrófico nos nossos tempos. Os remédios, portanto, são: primeiro, a justa concepção da lei natural (4); segundo, o recurso habitual à própria boa consciência (5); terceiro, a confiança na obediência a quem tem a autoridade de a exercer sobre nós, tanto no campo doméstico (6), no civil (7), como no eclesiástico (8). A obediência, na economia da salvação, tendo diante de nós o exemplo de Cristo, “feito obediente até à morte e morte de cruz” (9), não degrada a pessoa humana, mas eleva-a à dignidade dos filhos do Pai e insere-a no plano comunitário, característico do Evangelho, da caridade e da unidade. Pretender eximir o fiel do magistério estabelecido por Cristo, quer para o libertar do dogmatismo do ensinamento eclesiástico, quer para o desvencilhar dos vínculos da autoridade hierárquica, instituída por Cristo na Igreja, significa destruir nele a certeza da fé e da norma moral, carisma este da certeza da fé própria do catolicismo, e fazê-lo preferir o insensato tormento da dúvida crepuscular, da solidão espiritual, da infecundidade apostólica, quase comprometendo a comunhão, que, na franca fidelidade à Igreja autêntica, nos faz viver em Cristo e de Cristo, para ouvir d’Ele próprio a ameaça (ou a condenação?): “Quem não está Comigo está contra Mim, e quem não junta Comigo dispersa” (10).

Quanto a nós, agradeçamos humildemente ao Senhor e peçamos-Lhe que nos faça caminhar sempre com passo dócil e forte, na luz e na certeza da Sua vida.

---

(3) Cfr. DS., 3918-3921.

(4) Cfr. S. TOMÁS DE AQUINO, *Summa Theologiae*, I-II, q. 94.

(5) Cfr. Rom., 14-23.

(6) Cfr. Ef., 6, 1; Col., 3, 20; 1 Ped., 3, 1; etc.

(7) Cfr. Rom., 13, 1-4; 1 Ped., 2, 13-17.

(8) Cfr. Lc., 10, 16; Mt., 28, 20; etc.

(9) Flp., 2, 8.

(10) Lc., 11, 23.

E) A CASTIDADE É POSSÍVEL, É FÁCIL, É FELIZ

*Discurso de Paulo VI na audiência geral do dia 13 de setembro de 1972.*

Nestes encontros semanais, há já algum tempo que estamos a chamar a atenção dos nossos visitantes para o aspeto moral da vida, o qual, como muitas outras realidades, sofre mudanças e alterações que não podem deixar indiferente quem, como nós, cristãos deseja imprimir no próprio comportamento uma diretriz que esteja de acordo com certos princípios naturais e religiosos. Queremos e devemos seguir o Divino Mestre; desejamos abrir o Seu Evangelho sem nos sentirmos condenados por este código de verdade e de vida, mas, sim, instruídos e soerguidos na forma ideal de um comportamento adequado à nossa vocação cristã.

Agora, temos um tema a tratar, o da castidade, sobre o qual poderíamos falar longamente, devido à importância que ele tem para o bom andamento da nossa vida moral, ao ponto de monopolizar, quase por antonomásia na conversação ordinária, o título de “moralidade”; e também devido à gravidade e ao grande número de antigos e novos problemas de que este tema tão delicado é objeto. Mas evidentemente não é esta a sede própria para tratar dele; é suficiente enunciá-lo, a fim de cada um lhe prestar atenção e estar vigilante. Vamos fazer pois, algumas reflexões sobre ele.

*Caminha-se la lama*

1 — A problemática da castidade invade todos os setores e torna-se uma obsessão. Não pode ser menosprezada por aqueles que exercem funções pedagógicas junto da juventude no campo da formação dos espíritos, da moralidade dos costumes e da moralidade pública. Devido à delicadeza do seu conteúdo, dado que, por sua própria natureza, pode causar muita impressão, esta problemática era tratada, antigamente, com um respeito que, às vezes, chegava a ser excessivo quando era encoberta por reticências. Hoje, porém, é apresentado com ostentação estudada e provocante.

No domínio científico, vemos a psicanálise; no pedagógico, a educação sexual: no literário, o erotismo, que se tornou obrigatório, no propagandístico, a baixeza tentadora; no dos espetáculos, a exibição indecente, inclinada para o obsceno; no das publicações as revistas

pornográficas, perfidamente difundidas; no das diversões, a busca das que são mais ignóbeis e sedutoras; no do amor enfim, que é o mais elevado, a confusão entre o egoísmo sensual e passional e o sonho lírico e generoso do dom de si.

2 — Devemos ter a consciência de que vivemos num tempo em que a animalidade humana está a degenerar, com frequência, numa corrupção desenfreada; caminha-se no lodo. Se temos o sentido da dignidade pessoal e do respeito pelos outros e pela sociedade, e sobretudo o sentido da nossa elevação ao nível cristão de filhos de Deus, de pessoas que foram batizadas e santificadas pela graça (que é a irradiação do Espírito Santo em nós), devemos pôr-nos num estado de defesa, de repúdio, de renúncia em relação a estas numerosas exhibições e manifestações de corrupção dos costumes que se verificam na sociedade hodierna; e não, ceder, por condescendência ou por respeito humano, ao contágio da imoralidade do ambiente.

3 — É preciso compreender que na impureza, a que fazemos referência, não está o direito do jovem que se encaminha para a vida do homem moderno, que aspira a libertar-se das tradições de outrora, nem do homem maduro que talvez se julgue imune das desordens que derivam do contágio de uma provocante imoralidade.

Mas que entendemos por impureza? Entendemos a prevalência dos instintos e das paixões do homem animal sobre o homem racional e moral. Uma prevalência que estimula, fascina e exalta o primeiro, degradando e humilhando o segundo; torna o primeiro desprezível, vicioso e triste, e o segundo, míope, insensível e cético perante as coisas do espírito (1); é uma desordem grave, no nosso ser humano, complexo e composto; desordem que, com muita facilidade, se agrava progressivamente.

4 — Não podemos deixar de denunciar as degradações a que se está a sujeitar a nossa sociedade, ao entregar-se à liberdade dos sentidos e dos costumes. É o caso, por exemplo da contracepção, do aborto, da infidelidade do amor conjugal, do divórcio... e depois, com a iniciação no prazer senxual, do aparecimento da droga... Todas estas grandes questões não a tornam forte nem gloriosa. É a vida do homem que está em jogo; é o verdadeiro amor que decai. Trata-se de problemas graves e atuais, dos quais muito se fala, e ainda muito mais se deveria falar.

---

(1) Cfr. 1 Cor., 2, 14.

*Com a oração e com os sacramentos*

5 — Terminemos, porém, com um parágrafo positivo, o da formação cristã. Ele concentra-se numa das bem-aventuranças do Evangelho: “Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus” (2). Nela, podem-se descobrir muitas verdades: que existe uma relação entre a vida religiosa e a disciplina dos costumes; que a sede primária da pureza é o coração, ou seja, a nossa interioridade, os nossos pensamentos, os nossos afetos, a nossa imaginação, a nossa consciência (3); que a austeridade, ou seja, a força de ânimo, a verdadeira integridade do nosso comportamento é a condição necessária para manter e gerar a ordem do nosso ser, abalado pelo pecado original e constituído guarda dos tesouros do reino de Deus (4); que o amor puro e honesto, abençoado pelo vínculo sagrado, é uma realidade altíssima; que a virgindade consagrada ao Amor único, absoluto, divino é ainda mais sublime; que a pureza é a atmosfera em que o amor respira.

Queremos acrescentar ainda algumas palavras. Dissemos, doutra vez, que a moral cristã é, de per si, difícil. Que deveremos dizer, então, deste capítulo, relativo à castidade e à pureza, virtudes que, segundo o parecer de quase todos os que estão fora da vida cristã, é impossível praticar? Também nós reconhecemos que é difícil, dadas as circunstâncias em que se desenrola a vida do homem, especialmente hoje; mas acrescentamos sem demora, retificando praticamente a primeira afirmação geral que é fácil. Por meio do autodomínio, da escolha, quando for possível, de um ambiente são, da boa-vontade, a prática da pureza é possível; mais ainda, com a ajuda da oração e dos sacramentos é fácil e torna-nos felizes.

Dizemo-lo a vós, jovens, dizemo-lo a todos.

*F) A CARIDADE: EIS A SÍNTESE DA VIDA MORAL*

*Discurso de Paulo VI na audiência geral do dia 20 de setembro de 1972.*

Vamos falar, mais uma vez, nesta breve alocução, que fazemos na audiência pública, da atividade humana, ou, por outras palavras, do nosso agir (ou seja, dos atos do homem em si próprio) e do

---

(2) Mt., 5, 8.

(3) Cfr. Mt., 5, 27 e ss.; 15, 29.

(4) Cfr. 2 Cor., 4, 7.

nosso fazer (ou seja, das ações que realizamos fora de nós), isto é, do nosso operar, que constitui o aspeto de vida sobre o qual se concentra ao máximo o interesse do homem moderno, que tem a tendência de considerar e avaliar tudo em ordem à atividade, à dinâmica do exercício das suas faculdades. Como todos sabem, o trabalho ocupa um lugar primário, no nosso mundo: tornou-se, até, a base constitucional da sociedade. Cada vida, cada coisa deve estar em movimento, deve tender à produção e ser avaliada pelo potencial das suas forças operativas. Também a cultura está sujeita a medidas quantitativas, ou melhor, operativas. A ciência é compreendida pela sua aplicação prática; a liberdade é apreciada por causa da capacidade de agir, de fazer e de gozar, que proporciona. O homem moderno tende a aplicar o acelerador a cada aspeto da sua existência. Para ele, “operar mais” equivale a “ser mais” e a “ter mais”, e o seu ideal é “gozar mais”.

Observamos com grande interesse este fenómeno fundamental da vida contemporânea, que se apresenta com os nomes de trabalho, de progresso, de desenvolvimento, de bem-estar, de civilização, porque é um fenómeno humano. Podemos dizer com o antigo Terêncio: “homo sum: humani nihil a me alienum puto”, nada do que é humano o considero estranho a mim.

Nós, cristãos, além disso, apreciamos esta intensidade operativa, que caracteriza o nosso tempo, também por motivos nossos, que conferem à atividade do homem uma importância decisiva, quer em ordem à perfeição humana (2), quer em ordem à salvação. Na vida eterna, seremos julgados segundo as nossas obras (3).

*A coisa mais importante a ser feita.*

Se, portanto, o operar detém o primado dos valores que qualificam a vida, deixando, algumas vezes, praticamente na sombra, até a precedência do conhecer e a excelência do ser, dos quais, no entanto, queira ou não queira, ele depende (4), o problema principal é o do conteúdo do operar, quer dizer, do que devemos fazer e do porquê

---

(1) Cfr. SANTO TOMÁS D'AQUINO, *Summa contra Gentiles*, II, 1.

(2) Cfr. MAURICE BLONDEL, *L'Action*; e tb. OLLÉ LAPRUNE, *Il valore della vita*.

(3) Cfr. *Esiste una morale cristiana?*, em: *La Civiltà Cattolica*, 16 de Setembro de 1972, págs. 449-455.

(4) “*Nil cupitum quin praecognitum*”, e “*operari sequitur esse*”, como dizem os Mestres.

da nossa atividade, ou seja, do objeto e da intenção. Qual é, pois, o principal dever da nossa existência? O programa geral do nosso operar pode resumir-se num ideal predominante?

Gostaríamos que todos soubessem descobrir a profundidade e a simplicidade maravilhosa da lição evangélica a este propósito. Todos a conhecem, mas voltemos a lê-la, juntos. Um "... legista perguntou-Lhe para O embarçar (a Jesus): "Mestre, qual é o maior mandamento da Lei?" Jesus disse-lhe: "Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua mente (e o Evangelista Marcos acrescenta: com todas as forças: 12, 30). Este é o maior e o primeiro mandamento. O segundo é-lhe semelhante: "Amarás ao teu próximo como a ti mesmo". Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas" (5).

Já no Antigo Testamento, Deus ensinara esta verdade (6). Jesus confirma-o: é preciso pô-la em prática. A vontade de Deus é esta: que o homem ame a Deus e ao próximo. É aqui que se encontra princípio do reto operar. Haveria muito para dizer a propósito destas insuperáveis palavras, mas seria demasiado para esta conversação. Indicamos, apenas, a título de exemplo, a necessidade lógica e a possibilidade feliz de concentrar todos os deveres em dois deveres principais aliás, num só, fim e princípio do reto operar: o do amor a Deus, com o complementar do amor ao próximo. Esta possibilidade é especialmente sob o aspeto didático e mnemónico, muito útil, muito cómoda, para cada mentalidade, de modo particular hoje, nós, que sentimos aversão pelo esforço mental e pelo nocionismo. O Evangelho leva-nos imediatamente ao vértice; sintetiza tudo num duplo dever, e contém e hierarquiza tudo "in nuce": o objeto supremo é o amor, o fim pelo qual também devemos cumprir os deveres subalternos é o amor. A plenitude da lei é o amor (7).

#### *Uma das palavras mais equívocas*

E, a este ponto, apresenta-se uma importante questão: sabemos, verdadeiramente o que é o amor? Não é esta uma das palavras mais usadas e, portanto, uma das mais difíceis de definir? Entre as que têm significado polivalente, a qual delas é atribuída? Não é uma das mais equívocas, até das mais sublimadas e das mais degradadas? Não se refere a formas, entre si contrárias, do nosso espírito? Em sentido

(5) Mt., 22, 35-40.

(6) Cfr. Dt., 6, 5.

(7) Rom., 13, 10.

vertical, não significa as ascensões para Deus, que é Amor, e para o Qual é essencialmente dirigida a nossa vocação natural e sobrenatural? Santo Agostinho sintetizou-o deste modo: “Tu, ó Deus, criaste-nos para Ti; e o nosso coração está inquieto enquanto não repousar em Ti!” (8). Aplicada, porém, às baixezas mais vulgares e degradantes da animalidade sensual e até inatural, como um fatal peso de gravidade, não arrasta, porventura, para o fundo, abaixo dos níveis de toda a decência e de toda a felicidade honesta? E em sentido horizontal, ou seja, interpessoal, o amor não pode significar, algumas vezes, a dedicação mais generosa, ou também, o anseio mais egoísta, e até as duas coisas juntas? Não será fácil dar um significado unívoco à ambígua palavra “amor”, que oscila entre “eros” e “agápe”, entre uma simpatia instintiva e passional e uma aspiração ao bem, à felicidade, à vida.

### *Escolher o Sumo Bem*

Como haveremos de praticar este preceito fundamental do amor a Deus e ao próximo se o próprio vocábulo não nos ajuda a obter uma exata interpretação do seu significado? Primeiro que tudo, devemos procurar ter ideias claras. O verdadeiro amor é o ato consciente e voluntário inspirado no bem. A natureza ajuda-nos a dirigirmo-nos para o bem; a inclinação, amor instintivo e sensitivo tornar-se um ato voluntário; torna-se verdadeiro amor. Trata-se, então, de dois atos: o da escolha e o da realização. Devemos escolher (*in ordine intentionis*) o Sumo Bem, o único que é, realmente, proporcional à insaciável dimensão do nosso poder de desejar e de amar; e, depois, devemos fazer convergir todas as nossas forças espirituais e sentimentais para o Bem supremo, que é Deus. E deste cumprimento do primordial dever, do esforço contemporâneo da inteligência e da vontade, que fixa em Deus, Ele próprio Amor supremo, a nossa gravitação moral, ou melhor, que vai buscar n'Ele a nossa energia operativa, deriva a capacidade de cumprir todos os outros deveres, (*Ordo executionis*), que se concretizam no primeiro dever, assumindo a sua honestidade, a sua dignidade, a sua forma de conversação, que é a conversação da criatura com o Criador, do filho com o Pai (9).

---

(8) SANTO AGOSTINHO *Confessiones*, 1, 1.

(9) Cfr. SANTO TOMÁS D'AQUINO, *Summa Theologiae*, I-II, 1, 4; E. NEUNHÄUSLER, *Exigence de Dieu et morale chrétienne*, Ed. Cerf, 1971; ver também os grandes mestres do amor: São Bernardo, São Francisco de Sales, etc.

Podemos dizer que toda a vida se torna amor verdadeiro, amor puro, amor forte e amor feliz. E a esta primeira dileção, que é religiosa, como vedes, e não podia ser diversamente, está ligada a segunda, o amor ao próximo, quer como escada para subir ao amor a Deus (10), quer como motivo para aplicar a própria atividade ao serviço do próximo e em benefício dele (11).

*A caridade, eis a síntese*

Se nós, cristãos, tivéssemos compreendido este Evangelho do amor, se tivéssemos compreendido a sua lei, a sua necessidade, a sua fecundidade, a sua atualidade, não nos deixaríamos surpreender pela dúvida de que o cristianismo, a nossa fé (12), seja capaz de resolver, na justiça e na paz, as questões sociais, procurando esta capacidade no materialismo económico, no ódio de classe e na luta civil, com o perigo de asfixiar a nossa profissão cristã nas ideologias de quem a combate e de dar às questões humanas soluções amargas, ilusórias e, no fim talvez até anti-sociais e anti-humanas.

Volta-nos à mente e ao coração o hino de São Paulo à caridade: “Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver caridade, sou como bronze que ressoa, ou como címbalo que tine... A caridade é paciente, a caridade é benigna, não é invejosa; a caridade não se ufana... A caridade nunca acabará” (13).

A caridade é a síntese da nossa vida moral. Pensemos nisto.

---

(10) Cfr. 1 Jo., 4, 20; SANTO AGOSTINHO, *Tractatus in Johannem*, 17, 8.

(11) Cfr. Rom., 13, 8-0; Tim., 1, 5.

(12) Cfr. Gál., 5, 6.

(13) 1 Cor., 13, 1.4.8.

## VII. NECROLOGIA

---

### *Padre Oswaldo Andrade*

\* em Fartura (S. Paulo-Brasil) aos 17-5-1895, † em Campinas (Brasil) ao 8-8-1972, com 78 anos de idade, 56 de profissão, 48 de sacerdócio. Foi Diretor por 20 anos.

Era um dos salesianos veteranos da Inspeção de São Paulo. Vivia o espírito de Dom Bosco com uma fina afabilidade de trato e uma intensa vida interior. A confiança dos Superiores entregou-lhe incumbência de responsabilidades. Foi fundador e primeiro diretor do Instituto Salesiano Dom Bosco de Americana, S. Paulo.

### *Padre Tomás Barutta*

\* em Rosário (Argentina) aos 6-5-1908, † em Mendoza (Argentina) aos 10-7-1972, com 64 anos, 46 de profissão, 38 de sacerdócio. Foi Diretor por três anos.

Dotado de qualidades não comuns, foi incansável investigador no campo da história. Escritor fecundo e exímio orador, como religioso e sacerdote viveu íntegro o programa de S. João Bosco. Durante 33 anos consecutivos foi confessor e formador dos sacerdotes do Instituto Teológico internacional de Villada — Córdoba. Os seus numerosos alunos o lembram com afeto e gratidão.

### *Padre Mário Bosticco*

\* em Bardonecchia (Turim-Itália) aos 23-3-1919, † em Turim aos 23-7-1972 com 53 anos, 35 de profissão, 26 de sacerdócio. Foi Diretor por 3 anos.

Passou a maior parte de sua vida salesiana com tarefas prevalentemente administrativas, que cumpriu com diligência, com amor à pobreza e espírito de dedicação. De sua vida laboriosa devemos recordar sobretudo os anos dedicados à reconstrução da casa da Crocetta, anos duros de desconforto e de sacrifícios, mas gastos, como

Diretor, generosamente para a casa que considerava a sua casa. Bom, sem pretensões, amigo da pobreza, observante, dedicou à Congregação todas as suas melhores energias.

*Padre Maurílio Candusso*

\* em Ragogna (Údine-Itália) aos 27-8-1909, † em Údine aos 12-5-1972, com 62 anos, 37 de profissão e 20 de sacerdócio. Foi Diretor por 6 anos.

A sua jornada foi cheia de trabalho no campo difícil das missões (antes na China e depois, expulso daí, nas Filipinas) por uns 40 anos. Dedicava-se com ardor particular à juventude pobre e abandonada e, lembrado no ensinamento de Dom Bosco, foi incansável nas atividades do oratório. Depois de uma longa enfermidade, adormeceu serenamente, na plena aceitação da vontade de Deus.

*Dom José Cognata*

\* em Girgenti (Itália) aos 14-10-1885, † em Pellarò di Reggio Calabria (Itália) aos 22-7-1972, com 86 anos, 67 de profissão, 63 de sacerdócio. Foi Diretor por 15 anos; por 7 bispo de Bova, por 23 bispo demissionário e por 9 titular de Farsalo.

Bispo da dor e do perene sorriso, foi chamado para a casa do Pai de maneira quase imprevista. Nos primeiros anos de sua vida salesiana dedicou-se com ardor apostólico nos colégios e oratórios, e os que então se lhe acercaram ainda hoje falam dele com admiração.

Feito bispo de Bova em 1933, prodigalizou-se em prover às necessidades espirituais e materiais dos pobres, abrindo sobretudo asilos e oratórios. A fim de tornar mais eficaz o ministério paroquial fundou a congregação das "Oblatas Salesianas do Sagrado Coração", hoje de direito pontifício, e imprimiu nelas uma sólida formação segundo o espírito de Dom Bosco.

Malfadadas incompreensões e dificuldades, que o obrigaram a renunciar à direção das suas obras e também ao governo da diocese, ofereceram-lhe a ocasião de demonstrar a sua absoluta confiança em Deus. Desde esse dia e por bem quase trinta anos consumou o seu sacrifício na oração e no sofrimento silencioso, mas sereno. Alguns anos antes de falecer, teve o conforto de um gesto paterno do Papa, que o ressarcia espiritualmente de tantas provas suportadas. Teve também a alegria de verificar que as obras por ele fundadas continuam a desenvolver-se bem, conservando-se fiéis à espiritualidade que lhes havia impresso.

*Padre Rogério Dal Zovo*

\* em Vestenannova (Verona-Itália) aos 16-9-1909, † em Shillong (Índia) aos 8-7-1972 com 62 anos, 44 de profissão e 36 de sacerdócio. Foi Diretor por 16 anos.

Missionário do Assã desde 1935, prodigalizara-se no serviço da população em uma zona particularmente atrasada. Com seu zelo apostólico e sua caridade sem limites, granjeara para si a estima e a simpatia geral, não só no seu centro de missão mas também em toda a região.

*Padre Júlio Deretz*

\* em Lille (Cote du Nord-França) aos 5-2-1886, † em Lorena (Brasil) aos 19-6-1972, com 86 anos, 67 de profissão e 58 de sacerdócio.

Passou a maior parte de sua vida salesiana nas nossas casas de Cuiabá, Niterói, Bagé e Lorena. Em 1932 foi capelão das tropas paulistas. Foi religioso e sacerdote exemplar, professor exato, eficiente e culto (além dos estudos ordinários, freqüentara as universidades de Caen e de Londres). A sua partida deixou vivas saudades.

*Padre Francisco Fossati*

\* em Monza (Milão-Itália) aos 5-3-1897, † em Bombaim (Índia) aos 24-8-1972 com 75 anos, 47 de profissão, 41 de sacerdócio. Foi Diretor por 6 anos.

Quem teve ocasião de conhecê-lo, lastima nele a perda de um salesiano feito de um bloco só, inteiriço, apegado a Dom Bosco e à Congregação, dado à oração e ao sagrado ministério, especialmente ao da confissão.

Para animar e confortar no bem, servia-se com particular habilidade da farta correspondência e da filatelia; acompanhava sempre as suas muitas cartas com algumas recomendações sacerdotais e pastorais.

*Padre Otávio Gretter*

\* em Rio dos Cedros (Santa Catarina-Brasil) aos 27-10-1912, † em Campo Grande (Brasil) aos 5-7-1972 com 59 anos, 39 de profissão, 29 de sacerdócio.

Vocação da paróquia salesiana de Rio dos Cedros, trouxe para a Congregação ânimo particularmente alegre, ativo, sacrificado. Desen-

volveu o seu apostolado como catequista, professor, encarregado do oratório festivo e capelão de freiras. Sua paixão: o pequeno clero e o oratório. Os seus últimos anos passou-os no seminário diocesano de Campo Grande, que administrou até a morte. Faleceu improvavelmente, sem incomodar ninguém, na fazenda de um amigo aonde fora para um pouco de descanso.

*Padre Vicente Horvath*

\* em Vysny (Kasice-Checoslováquia) aos 25-11-1909, † em Santo Domingo (Rep. Dominicana) aos 8-7-1927 com 62 anos, 37 de profissão, 28 de sacerdócio.

Era muito estimado como confessor no nosso Liceu S. João Bosco em Santo Domingo, tenaz nos seus propósitos, reservado. Procurado como confessor e diretor espiritual, trabalhou indefessamente por cinco anos numa paróquia da diocese.

Quis viver em extrema pobreza para melhor se inserir no mundo dos seus paroquianos.

*Padre Ludovico Makalak*

\* em Nowy Targ (Cracóvia-Polónia) aos 25-8-1930, † em Milkowice (Polónia) 23-11-1972 com 42 anos, 24 de profissão, 15 de sacerdócio.

Padre Ludovico faleceu prematuramente num acidente rodoviário enquanto se dirigia para rezar missa. Os irmãos salesianos e seus paroquianos hão de lembrá-lo como sacerdote exemplar e sempre sereno.

*Padre Agostinho Raffaelli*

\* em Volano (Trento-Itália) aos 24-2-1907, † em Impéria-Itália) aos 28-8-1972 com 65 anos, 39 de profissão, 30 de sacerdócio.

*Padre Luís Raineri*

\* em Groghardo (Alexandria-Itália) aos 24-11-1923, † em Andora (Savona-Itália) aos 14-9-1972 com 48 anos, 31 de profissão, 22 de sacerdócio. Foi Diretor por 3 anos.

*Padre Silvestre Rajzer*

\* em Lancut (Leópolis-Polónia) aos 6-12-1914, † em (Cracóvia-Polónia) no dia 1 de setembro de 1927 com 57 anos, 30 de profissão e 29 de sacerdócio. Foi Diretor por 9 anos.

Provinha de uma família numerosa e de profunda vida cristã. Dos 9 filhos, 5 se tornaram religiosos consagrados: 2 salesianos, uma F. M. A. e duas feiras da Congregação Polonesa de Frei Alberto. Padre Silvestre ficou na memória dos nossos irmãos como um sacerdote zeloso e muito trabalhador. Faleceu quase improvisadamente, mas preparado para o encontro com o Pai.

*Miguel Sagez*, sem. cand. ao sac.

\* em Colmar (Haut-Rhin-França) aos 27-5-1949, † em Sindara (Gabão) aos 17-7-1972 com 23 anos e 3 de profissão.

Fazia um ano apenas que ele com zelo juvenil partilhava as atividades da nossa comunidade missionária do Gabão. Morreu arrasado pelas águas do rio Ngounié. Descansa perto de outro salesiano africano, falecido um ano antes.

*Padre Carlos Simona*

\* em Locarno (Cantão Ticino-Suíça) aos 12-6-1979, † em Bagnolo Piemonte (Cúneo-Itália) aos 2-9-1972 com 93 anos, 77 de profissão, 70 de sacerdócio.

Faleceu como um patriarca na veneranda idade de 93 anos, depois de um longo apostolado, ativo e fecundo. Lecionou filosofia em nossos institutos de formação na Itália e no exterior. Voltando para a pátria, foi por vários anos diretor espiritual de comunidades femininas, noviças e Filhas de Maria Auxiliadora, que ainda hoje o lembram com gratidão. O nome do padre Simona fica ligado à iniciativa tendente a difundir a devoção ao Sagrado Coração.

*Padre José Valenti*

\* em Lentini (Siracusa-Itália) aos 27-4-1911, † em Roca-S. Lorenzo aos 11-9-1972 com 61 anos, 44 de profissão e 36 de sacerdócio.

Foi chamado por Deus depois de um longo serviço de educador e de administrador da Comunidade, especialmente em grandes casas de Roma. Irmãos e jovens, os Ex-Alunos do PIO XI, sobretudo, recordam a sua atividade, a sua disponibilidade sacerdotal para com todos, a sua cordialidade salesiana. O último ano, já cansado e minado pela doença, passou-o no Centro dos Delegados Nacionais, na qualidade de prefeito.

*Padre Ambrósio Zappa*

\* em Villa Romanó (Como-Itália) aos 29-4-1908, † em Bagnolo Piemonte (Cúneo-Itália) aos 30-8-1972, com 64 anos, 48 de profissão, 38 de sacerdócio. Foi diretor por 12 anos.

Enfrentou as primeiras provas do seu ministério sacerdotal em incumbências delicadas ao lado do Padre Pedro Berruti (Prefeito Geral); depois foi nomeado Mestre dos noviços e diretor das casas de formação da Inspeção Central, e sucessivamente na Argentina e Equador. Nesse encargo demonstrou as suas não comuns qualidades de mestre e pai, granjeando o afeto e a confiança dos seus numerosos filhos espirituais. Adoecendo seriamente, voltou para a Itália, em tudo disponível à vontade dos superiores. Deixa a mensagem do trabalho, da oração, da vida recolhida na humildade e no silêncio.

3.º de maio 1972

N.	Sobrenome e Nome	Lugar do Nascimento	Data do Nascimento	Data da morte	Idade	Lugar da morte	Insp.
137	Sac. ANDRADE Oswaldo	Fartura (BR)	17-05-1895	08-08-1972	77	Campinas (BR)	SP
138	Sac. BARUTTA Tomás	Rosário (RA)	06-05-1908	10-07-1972	64	Mendoça (RA)	Cr
139	Sac. BOSTICCO Mário	Bardonecchia (I)	23-03-1919	23-07-1972	53	Turim (I)	PAS
140	Sac. CANDUSSO Maurílio	Ragogna (I)	27-08-1909	12-05-1972	62	Udine (I)	Fi
141	Dom COGNATA José	Girgenti (I)	14-10-1885	22-07-1972	86	Pellaro di R. C. (I)	
142	Sac. DAL ZOVO Rogério	Vestenannova (I)	16-09-1909	08-07-1972	62	Shillong (Índia)	Ga
143	Sac. DERETZ Júlio	Lille (F)	05-02-1886	19-06-1972	86	Lorena (BR)	SP
144	Sac. FOSSATI Francisco	Monza (I)	05-03-1897	24-08-1972	75	Bombaim (Índia)	By
145	Sac. GRETTER Otávio	Rio dos Cedros (BR)	27-10-1912	05-07-1972	59	Campo Grande (BR)	CG
146	Sac. HORVATH Vicente	Vysny (CS)	25-11-1909	08-07-1972	62	Santo Domingo (R. Dom.)	A
147	Sac. MACALAK Ludovico	Nowy Targ (PL)	25-08-1930	- -1972	42	Milkowice (PL)	Kr
148	Sac. RAFFAELLI Agostinho	Volano (I)	24-02-1907	22-08-1972	65	Vallecrosia (I)	Li
149	Sac. RAINERI Luís	Grognardo (I)	24-11-1923	14-09-1972	48	Andora (I)	Li
150	Sac. RAJZER Silvestre	Lancut (PL)	06-12-1914	01-09-1972	57	Cracóvia (PL)	Kr
151	Ch. SAGEZ Miguel	Colmar (F)	27-05-1949	11-07-1972	23	Sindara (Gabão)	Ly
152	Sac. SIMONA Carlos	Locarno (CH)	12-06-1879	02-09-1972	93	Bagnolo P. (I)	No
153	Sac. VALENTI José	Lentini (I)	27-04-1911	11-09-1972	61	Roma (I)	Ro
154	Sac. ZAPPA Ambrósio	Villa Romanó (I)	29-04-1908	30-08-1972	64	Bagnolo P. (I)	No



Composto e impresso nas  
ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS  
Rua da Mooca, 766 (Mooca)  
Fone: 279-1211 — P. A. B. X.  
Caixa Postal, 30 439  
SAO PAULO

